

LIVRO DE BORDO
FORMAÇÃO TRANSVERSAL
EM SABERES TRADICIONAIS
UFMG, 2º SEMESTRE DE 2017

COSMOCIÊNCIAS:
ARTE DA MIÇANGA

Sob o protagonismo das mulheres, a arte das miçangas coloridas (**mane**, para os Kaxinawá; **kênre**, para os Krahô, e **xap**, entre os Maxakali) se produz no alinhavo entre os cantos, as narrativas míticas e a experiência histórica. A disciplina se dedicou a esse modo relacional da arte, constituindo-se em um espaço de troca e intercâmbio de fazeres e saberes.

Com as mestras Lira Huni Kuin e Maria Huni Kuin (Aldeia Mucuripe, AC), Creuza Prumkwyj Krahô e Leila Jôxa Krahô (Aldeia Nova, TO), Sueli Maxakali e Eliana Maxakali (Aldeia Verde, MG) e **a visita** de Viviane Ye'kwana (Aldeia Fuduwaduinha, RO).

Com os professores parceiros André Brasil, Isabel de Rose e César Guimarães (Comunicação), Clarisse Alvarenga (Educação), Karenina Andrade (Antropologia) e Renata Marquez (Arquitetura).

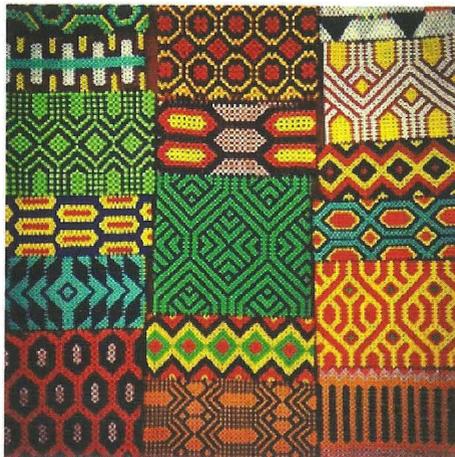
Com os alunos Aline Pereira Silva, Ana Isabel Nunes Ziviani, Anna Flora de Oliveira, Arthur Borges Lisboa, Barbara Stefany Freitas, Caio Dayrell Santos, Ceci Nery Batista, Crisângela Elen de Souza, Elizabeth Moreno, Fernanda Maria Alves, Gabriel Cândido, Gabriel Rodrigues Batista, Giovanna Almeida, Gisele Marques, Gyeongmi Ma, Igor Fonseca, Isabella Parise, Isabela Resende, Isadora Prado, Jairo Siqueira, Joana Guimarães, Julia Nogueira, Junia Rafaela Nunes, Lara Mortimer, Letícia Martins Cruz, Lorena de Souza Bonfim, Louise Rochebois, Luana Bispo, Luísa Carmen Machado, Lucas Sousa Lima, Marcia Regina Messias, Maria Cecília Gomes, Marina Alves Correa, Monique Malaquias, Paula Nuryele de Andrade, Pedro Henrique Santos, Polianna Christina Santos, Priscila Marques, Rafaela Dias Lopes, Rodrigo Pucciarelli, Sofia Junqueira, Stephanni Iara dos Santos, Raquel Náiar, Tales Bedeschi, Victor Corrêa, **dos cursos de** Arquitetura, Artes Visuais, Biologia, Comunicação, Direito, Engenharia Civil, Geografia, Letras, Moda e Sócio-ambientais.

Com o apoio dos pós-graduandos Guilherme Cury, Isadora Fachardo, João Carvalho e Júlia Bernstein (Comunicação), Guilherme Marinho (Geografia) e Natália Achcar (Arquitetura).

Com as visitas de Els Lagrou (UFRJ), Cássia Cristina (Makota Kidoialê) e Daiane (Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango), Esther Antonieta (Massambique de Nossa Senhora do Rosário, Oliveira, MG) e Pai Ricardo (Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente).

Lira Huni Kuin (Aldeia Mucuripe, AC)

Lira aprendeu sobre a cultura Huni Kuin e os *kene* principalmente com seu pai, Joaquim Maná, e sua mãe, Maria Huni Kuin, que sempre a incentivaram e falaram sobre a importância da cultura do seu povo. Ela começou a aprender quando era bem pequena, com uns oito ou nove anos, e hoje conhece um pouco de cada artesanato dos Huni Kuin, ou “povo verdadeiro”: miçanga, tecelagem, cerâmica e cestaria. Atualmente Lira está repassando seus conhecimentos para seus filhos. Lira considera que o *kene* está ligado à cultura huni kuin; é um conhecimento que vem dos seus antepassados e já existia desde muito antes do contato com os não-indígenas. Ela também nos falou muito sobre a importância de transmitir esses conhecimentos, tanto na Terra Indígena quanto em outros espaços como a universidade, para que esse saber e essa cultura possam permanecer e se fortalecer. Lira Huni Kuin atuou como mestra na UFMG em 2017 na disciplina *Cosmociências: arte da miçanga*.





Maria Carlos Huni Kuin (Aldeia Mucuripe, AC)

Maria Carlos Huni Kuin tem 59 anos, três filhas mulheres, três filhos homens e cerca de 20 netos. Ela fez parte da geração de mulheres que resgatou o conhecimento sobre os *kene*, desenhos ou padrões gráficos que estão ligados a *yuxibu* e que, de acordo com ela, são muito importantes para o povo Huni Kuin. Maria nos contou que há cerca de trinta anos quase ninguém mais conhecia os *kene* ou a arte da tecelagem. Ela aprendeu com uma das últimas mestras que sabia os desenhos, Dona Helena, do Purus. Primeiro trabalhou os *kene* através da tecelagem e do algodão, fiado e tecido com tintas da floresta, e depois começou a trabalhar também com as miçangas. Maria ensinou o *kene* e a arte da tecelagem para as suas filhas, e agora está ensinando suas netas. Participou como mestra e professora de duas oficinas sobre o tema que foram realizadas na Terra Indígena onde vive, buscando estimular os jovens a aprenderem esses saberes. Ela nos contou que até morrer vai ensinar os *kenes* para suas netas, para que um dia elas também possam ensinar outras pessoas e contar histórias como as que ela está contando agora. Maria Kaxinawá atuou como mestra na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG em 2015 na disciplina *O livro vivo Huni Kuin: narrativas, plantas e imagens*, e em 2017 na disciplina *Cosmociências: arte da miçanga*.

Creuza Prumkwij Krahô (Aldeia Nova, TO)

Creuza Krahô mora no estado do Tocantins, na Aldeia Nova. Nasceu em fevereiro de 1971, na aldeia Galheiro, perto de um pé de jatobá. Sua avó sobreviveu a um massacre sofrido pelos Krahô na década de 1940, um entre os vários que esse povo enfrentou ao longo de sua história. Ela fez Magistério em Tocantins e posteriormente realizou Mestrado em Desenvolvimento Sustentável Junto a Povos e Comunidades Tradicionais na UnB. Sua dissertação “*Wato ne hômpu kâmpa. Convivo, vejo e ouço a vida mehi (Mâkrarè)*” foi defendida em 2017. Segundo Creuza, a grande maioria dos antropólogos que vão para as aldeias pesquisar os Krahô ou outros povos indígenas só se interessam pelos homens, deixando de lado as mulheres e seus conhecimentos. Entretanto, as mulheres krahô têm muitos saberes: fazem as pinturas corporais, cortam o cabelo da maneira krahô e produzem os enfeites que são fundamentais para o sucesso dos caçadores. Ela pesquisou esses conhecimentos femininos, especialmente com relação ao resguardo, uma sabedoria de cuidado com o corpo que é mantida e transmitida pelas mulheres. Creuza trabalha com educação dentro da sua Terra Indígena desde 1994, e atua para que o conceito de “educação diferenciada” seja de fato colocado em prática. Ela atuou como professora na Formação Transversal em Saberes Tradicionais em 2017, na disciplina “Cosmociências: arte da miçanga”.



Suely Maxakali (Xoeni Maxakani) (Aldeia Verde, Ladainha, MG)

Suely Maxakali é presidente da Associação Maxakali de Aldeia Verde. Fotógrafa, participou dos projetos: *Hitupmã'ax/Curar* (Faculdade de Letras da UFMG e Literaterras, 2009), livro bilíngue dedicado às práticas de saúde e cura sob a perspectiva dos Tikumũ'ũn (Maxakali); *Koxuk Xop Imagem* (Beco do Azougue Editorial, 2009), com fotografias das mulheres maxakali sobre os rituais e o cotidiano da Aldeia Verde; *Cantobrilho tikumu'un: no limite do país fértil* (2010), projeto de exposição e livro em torno da estética tikumũ'ũn. Faz fotografia *still* e assistência de direção nos filmes de Isael Maxakali. Participou como professora na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG nas disciplinas “Cinema e pensamento kino-maxakali”, em 2015, e “Cosmociências: arte da miçanga”, em 2017.



Trecho extraído do artigo **Um corpo feito de artefatos: o caso da miçanga**

Els Lagrou

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

[...]O papel central da miçanga no rito de passagem kaxinawa aponta para a centralidade da incorporação das forças agentivas da alteridade na constituição da pessoa. A miçanga se transforma de troféu de guerra em força exógena encapsulada que vem ajudar a constituir o corpo da criança.[...]

[...]O mito que me foi contado recentemente por Leôncio Salomão, respeitado especialista recém-chegado do Peru, fala do destino da mulher:

Neabu voltou. E a mulher dele foi na frente ao longo do rio, andando na praia, para encontrar sua família. Mas ela não encontrou a família não, encontrou o *Inka*. Vinha toda bonita. Quando procurou e achou miçanga, foi enfiando miçanga. Depois de enfiar miçanga, dizem que colocou os enfeites de miçanga, se pintou toda com miçanga. Aí pendurou no corpo todo. Amarrou o corpo com miçanga. Aí se pintou toda com miçanga (com listras na vertical). O nome dela é: *Mane tsauani* (sentou na miçanga), *mane betxia* (encontrou miçanga), *mane uinyani* (olhou miçanga). Ela canta que encontrou miçanga, tudo isso é nome dela. Este é o canto do *txidín*.

Depois deste relato, Leôncio canta o canto da miçanga:

<i>Mane tsauani</i>	colocou a miçanga para sentar
<i>Inka mane betxia aa</i>	encontrou a miçanga do <i>Inka</i>
<i>Mane uinyani</i>	está vendo miçanga
<i>Inka mane betxia a a</i>	encontrou miçanga do <i>Inka</i>
[...]	
<i>Inka mane pane</i>	pendurou pelo corpo todo
<i>Mane uiyani</i>	viu miçanga
<i>Inka mane keuin e</i>	está enfiando a miçanga
<i>Mane betxia e</i>	encontrou miçanga
<i>En kai kai e ee</i>	eu vou e ee
<i>Mane tsaua ee</i>	está sentada na miçanga
<i>En kai kai e ee</i>	eu vou, eu vou
<i>Mane uinyane</i>	olhou a miçanga
<i>En kai kai e e</i>	eu vou, eu vou

Neste momento passa-se ao segundo canto, o canto de *manendabanã*:

Manen kene manen kene e e e Desenho com miçanga, desenho com miçanga

Inka mane kenei en dakake Estou pintando com a miçanga do Inka, estou deitada

Inka mane dauí en dakake Estou pintando com a miçanga do Inka, estou deitada

Inka mane nexeu en dakake e Amarro a miçanga toda estou deitada

Inka mane panai en dakake e ez Com a miçanga pendurada no corpo todo estou deitada

Inka mane dauí en dakake Com o enfeite de miçanga do Inka estou deitada

Apaunibuki: Assim fazia antigamente. É assim para começar, antigamente começava para cantar. Eu não sei muito, mas vou explicar para você entender. Sei um pouco e vou te ensinar.

E e e inka mane kenane ee O banco de miçanga do *Inka*

Mane kena wanixun Fizeram o banco de miçanga

Mane kena tadankin O banco de miçanga está rolando

Tadan tadan baini Rola ligeiro indo embora

O último canto associa a miçanga ao banco ritual, *kenan*, feito das raízes tubulares da sumaúma para as crianças durante o rito de passagem. É assim, sentadas no banquinho, que as crianças receberão a aplicação de *nixpu*. Este banco é concebido como modelo reduzido do corpo da criança. (Lagrou, 2007 e 2002) A ideia do modelo reduzido do corpo é resumido em uma das frases do canto ritual entoado durante a fabricação do banco:

“duas pernas com um buraco no meio”. O banco é esculpido na floresta pelos homens, assim como o feto é esculpido no ventre da mulher durante a gravidez e, depois de pronto, pintado pelas mulheres como se fosse um corpo. Interessante notar que no canto ritual do *txidin*, esta antropomorfização do banco é completada pela sua decoração com miçanga.

Texto atraído do site:

<http://books.openedition.org/oep/823#authors>

Acesso em: novembro de 2017

KENE HUNI KUÏ

MAE MUSA

ESPINHO DE ESPERA-AÍ / UNHA DE GATO

(*Uncaria tomentosa*)

planta medicinal e sagrada:

- › analgésica
- › antiinflamatória
- › imunestimulante
- › anticancerígena

o Kene:

- › protege contra doenças
- › ajuda a alcançar as coisas rapidamente



HAUX!

KENE HUMI KUÏ

YUBE

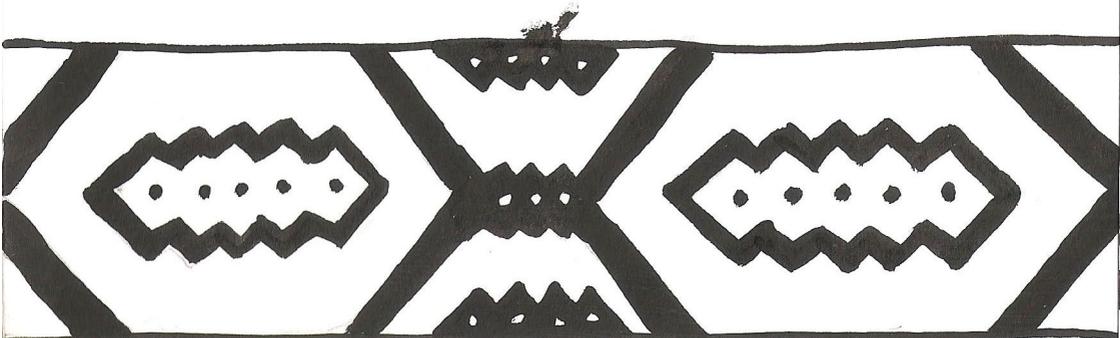
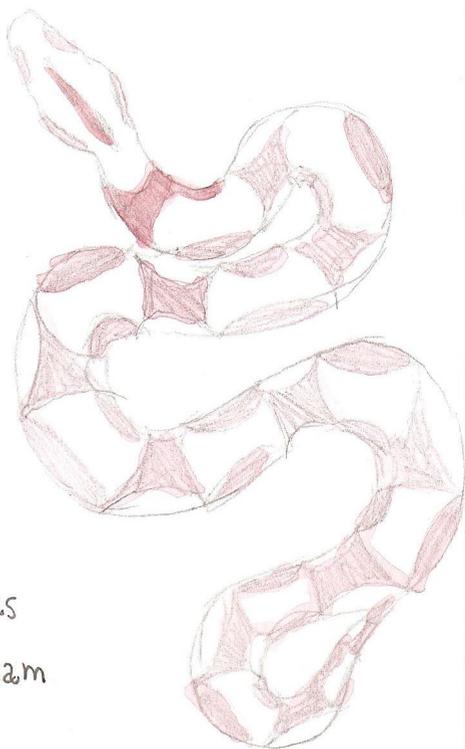
JIBOIA

(*Boa constrictor*)

animal muito sagrado.

donã dos kenes e do nixi pae.

a jiboia chama a força, atrai coisas
positivas. por isso, os homens usam
seu kene para atrair mulheres.



HAUX!

KENE HUMI KUÏ

INU TAE

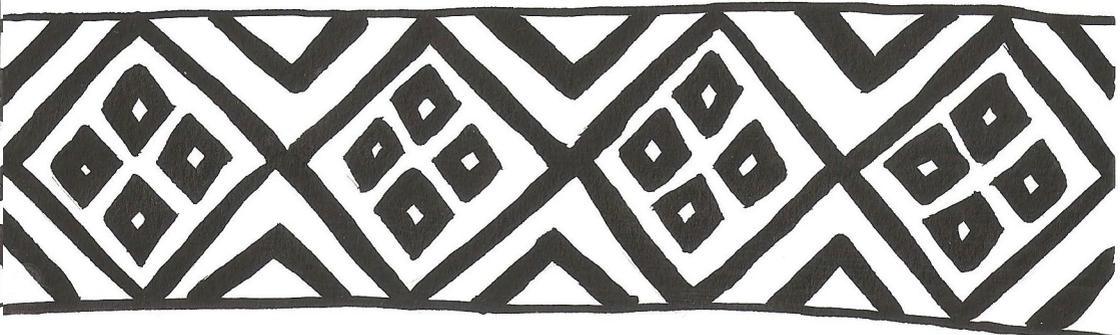
PATA DA ONÇA

(*Panthera onca*)

é um kene de proteção.
a onça, dona da casa,
defende vigorosamente
seu território



usa também para aprender com facilidade,
fazer as coisas rapidamente



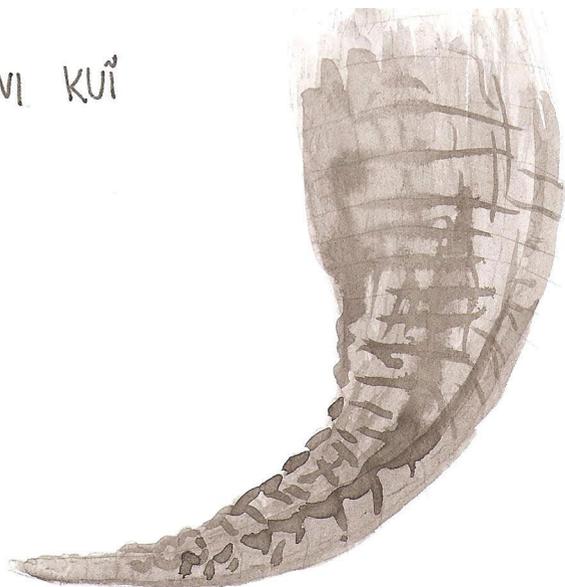
HAUXI

KENE HUMI KUI

KAPE HINA

RABO DO JACARÉ

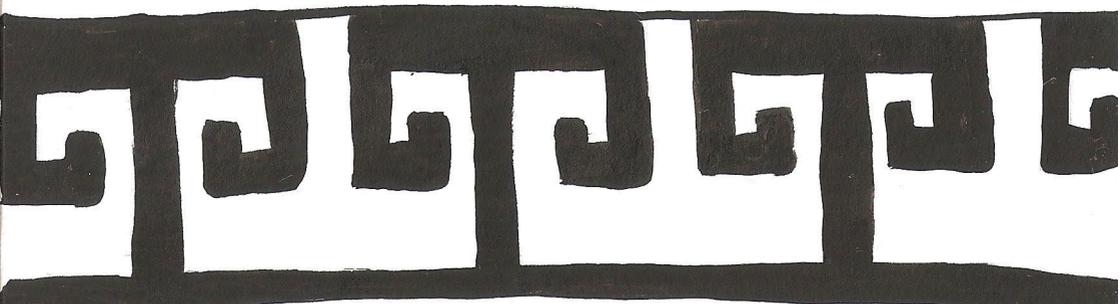
(*Melanosuchus niger*)



nos tempos antigos, foi
um jacaré que serviu

de ponte para que os outros povos se distanciassem e
diferenciassem dos huni kui, que ficaram na floresta

usa para conectar-se ao seu objetivo e para
a comunicação com outras pessoas, outros povos.



HAUX!

KENE HUNI KUÍ

TXERE BERU

OLHO DA CURICA

(*Pyrilia caica*)



a curica é esperta: antes de
você achá-la, ela já está olhando
para você.

kene das crianças: é o primeiro que se aprende

usa o txere beru ~~para~~ para aprender as
coisas rapidamente



HAUX!

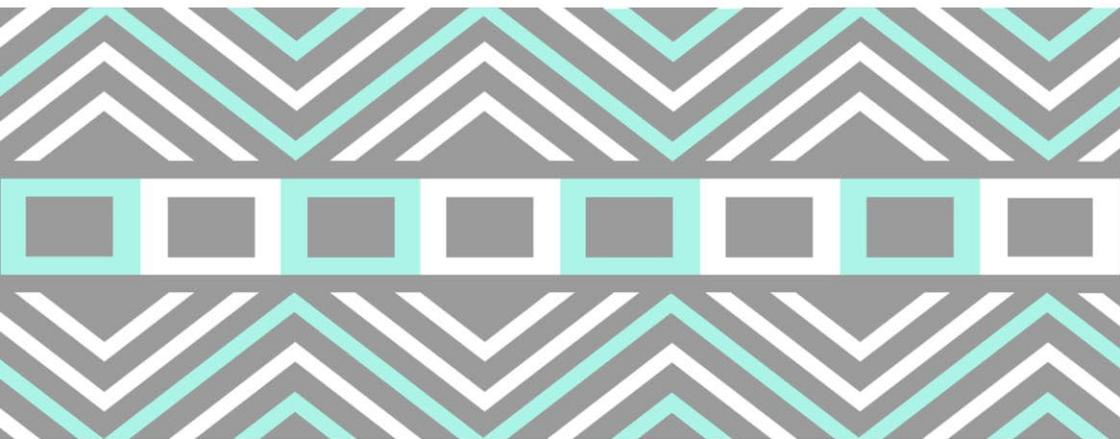


- A Arte das
Miçangas -

Lorena de Souza

- Introdução -

Este capítulo se propõe a ser um registro escrito das técnicas de miçangas ensinadas pelas mestres, como uma forma de perpetuar sua cultura e promover sua divulgação, permitindo que seu trabalho seja mais valorizado, bem como auxiliar os alunos da disciplina a lembrarem das técnicas ensinadas por elas. Dessa forma, serão explicadas técnicas de produção de objetos com miçanga utilizadas pelas etnias Kaxinawá, Krahô e Maxakali, culminando em um total de 6 técnicas diferentes, mais ou menos explicadas de acordo com o nível apreendido.



- Kaxinawá -

Lira e Maria Kaxinawá foram as primeiras mestres a nos ensinar uma técnica com as miçangas. Na técnica ensinada, as miçangas são colocadas com as mãos no fio de nylon, que também é tecido com as mãos.

Os desenhos construídos pelas miçangas são chamados *kené* na cultura Huni Kuin/ Kaxinawá e têm um significado próprio, como proteção ou auxílio para aprender mais rápido. Alguns são inspirados nas formas dos animais e, por isso, levam seu nome, como o *kené* da jiboia e do jacaré.

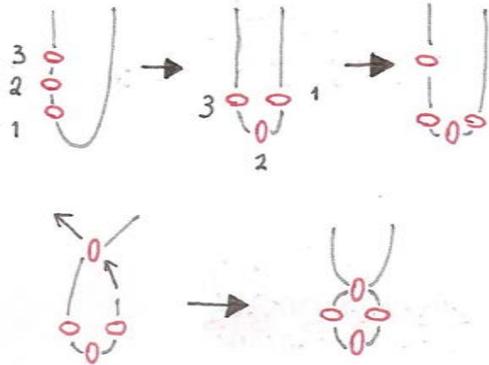
O *kené* ensinado por Lira foi o olho da Curica, o primeiro a ser aprendido, pois esse *kené* tem o poder de facilitar o aprendizado segundo a mestre, e sua forma se assemelha ao desenho abaixo:



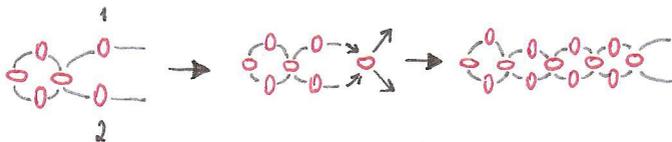
Além das formas que compõem o desenho, é importante notar a importância das cores, que têm uma simbologia, geralmente um elemento da natureza. Destaque especial para a cor preta, que está presente em quase todos os *kené* e não possui significado, serve para auxiliar a delimitação da forma.

- Kaxinawá -

Posto isso, a técnica começa com um pedaço de linha de nylon, mais ou menos o tamanho de dois antebraços. Colocam-se primeiro três miçangas posicionando mais ou menos no meio. Depois, deve ser colocada uma miçanga em um dos lados da linha e, posteriormente, passar o outro lado da linha pelo lado contrário da miçanga, fazendo um "cruzamento", dessa forma:

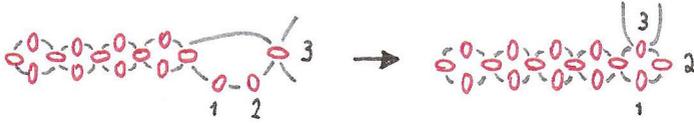


Após as quatro primeiras miçangas, coloca-se uma miçanga de cada lado e uma cruzando. Segue-se esse padrão colocando as três miçangas até que o objeto atinja a largura desejada.

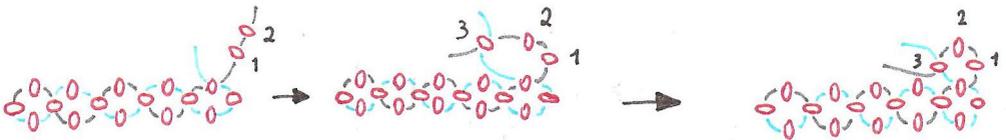


No último "ponto" da primeira carreira, coloca-se duas miçangas na mesma linha e uma cruzando, configurando a primeira parte da virada:

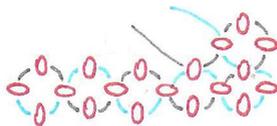
- Kaxinawá -



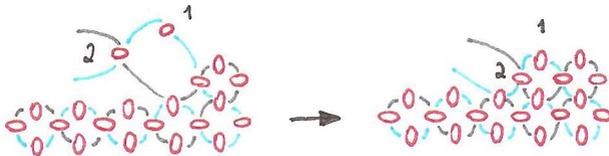
Para terminar a virada, coloque duas miçangas na linha de "fora" e uma cruzando:



Após o cruzamento, passe a metade da linha que ficou para "dentro" pela miçanga da carreira anterior, dessa forma:



Esse ponto continua por toda a carreira; é colocada uma miçanga na linha de fora, 1 cruzando e passa a linha de dentro pela miçanga da fiada de baixo. Ao chegar no final, no último ponto começa a fazer a virada. Esse é basicamente o movimento que será realizado durante todo o resto do *kené*.

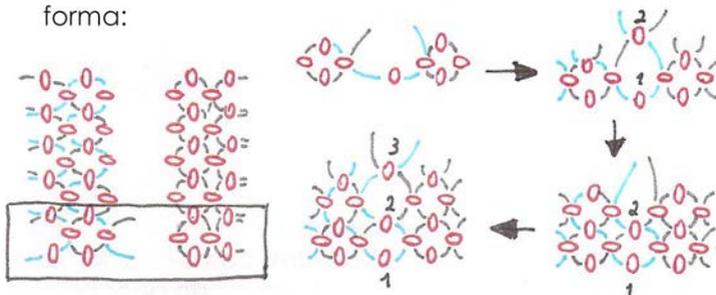


- Kaxinawá -

Assim segue até que atinja-se o comprimento desejado. Quando acabar a linha, fechar e continuar com o novo pedaço. Para fechar, deve-se passar a linha por dentro das miçangas das carreiras anteriores, dar dois nós em cada parte e queimar as pontas.

Ao fazer isso, deve-se apenas passar o novo pedaço de linha na última miçanga colocada, de forma que a linha nova fique na mesma posição que a anterior.

No caso de uma pulseira, por exemplo, para fechar sem botão, faz-se mais ou menos o mesmo processo já ensinado, porém, unindo as duas pontas, dessa forma:



Ao finalizar, fechar da forma já ensinada, passando pelas miçangas anteriores, dando nó e queimando a ponta.

Sugere-se durante todo o processo ir puxando a linha, de forma que não fique frouxa, mas também não muito apertada, a ponto de comprometer o desenho.

Para mim, foi umas das técnicas mais difíceis e trabalhosas, pois é realizada com as mãos e demanda uma grande quantidade de miçangas. Sendo assim, é necessário bastante paciência e tempo, principalmente para aprender o ponto corretamente.

- Kaxínawá -

O resultado final desse *kené* com miçangas em uma pulseira é esse:



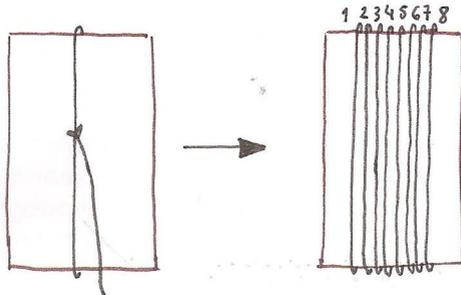
Vale lembrar que esse desenho é apenas um dos vários *kené* e existem diferentes combinações de cores que podem ser feitas, dependendo apenas da criatividade do artista. As mestres relataram que os desenhos surgem em seus sonhos, e é de lá que tiram tanta criatividade para criar os padrões.

- Krahô -

As segundas mestres a nos ensinar técnicas com miçangas foram Creuza e Leila Krahô. Elas ensinaram duas técnicas, uma com tear e outra sem tear.

Para a primeira utiliza-se um pedaço qualquer de madeira, ou mesmo um porta retrato, como tear. A linha utilizada é de poliéster e a agulha é fundamental no processo.

O primeiro passo é arrumar as linhas no tear: o pedaço de madeira é envolvido pela linha. Dá-se alguns nós para firmar, e então enrola-se a linha no tear, de acordo com a largura que se deseja.

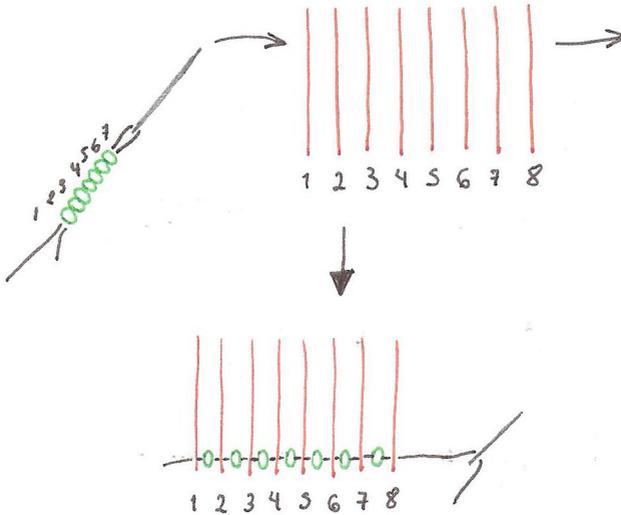


O efeito que se tem é como a foto abaixo. A quantidade de linhas é uma a mais que a quantidade de miçangas.

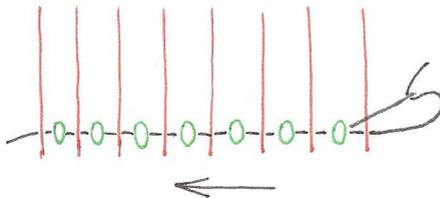


- Krahô -

Com o tear pronto, passa-se a linha pela agulha, para começar de fato. Deve-se colocar a quantidade de miçangas desejada pela agulha e deslizar para linha. Feito isso, a linha na agulha deve ser passada por baixo das linhas no tear, para então encaixar cada uma das miçangas entre todas as linhas.



Depois, deve-se passar a linha por dentro de todas as miçangas no sentido contrário, tomando o cuidado de passar por cima das linhas no tear.



- Krahô -

O processo se repete, as miçangas são colocadas, a linha na agulha passa por baixo das linhas no tear, as miçangas são encaixadas entre as linhas no tear, a agulha passa por dentro das miçangas.



Caso a linha na agulha esteja chegando ao final, deve-se deixá-la de lado, passar outro pedaço de linha pela agulha e continuar o processo normalmente. Ao final, com a sobra da linha que acabou no meio dá-se um nó com a sobra da nova linha utilizada.

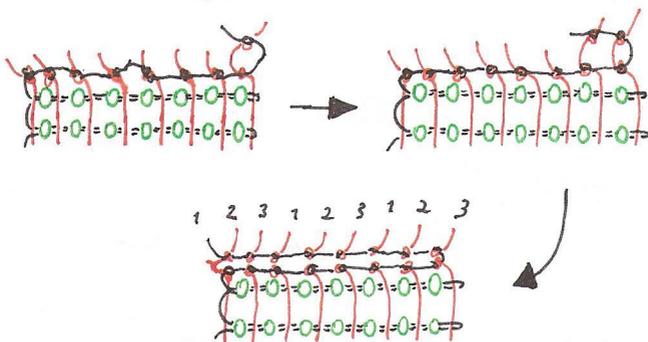
Ao atingir o comprimento desejado, corta-se as linhas no tear dos dois lados, deixando uma sobra generosa para fazer o fechamento.

Para fazer o fechamento, são dados nós entre as linhas vizinhas, dessa forma:



- Krahô -

Depois de dar nós entre todas as linhas, esse processo é feito novamente, para depois ser feita uma trança; todas as linhas são divididas em três partes e então é feita uma trança comum.



Quando a trança atingir o tamanho desejado, dá-se um nó com todas as linhas, como se fosse uma. Para finalizar, queima-se a ponta, tomando cuidado para que o fogo não se espalhe por toda a linha.

O resultado final deve ser como na foto abaixo:



- Krahô -

Creuza também nos ensinou a fazer o arco íris Krahô, usado em festas na forma de colares pelas mulheres cantoras e de pulseiras, pelos homens.

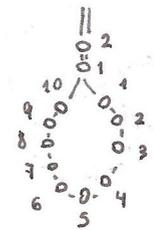
Esse ponto é realizado apenas com as cores do arco íris que são utilizadas na seguinte ordem:

preto - marrom - vermelho escuro - vermelho claro - laranja
- amarelo escuro - amarelo claro - verde claro - verde escuro -
azul claro - azul escuro

Durante a matéria não havia todas as cores necessárias e, portanto, foi necessário usar outras.

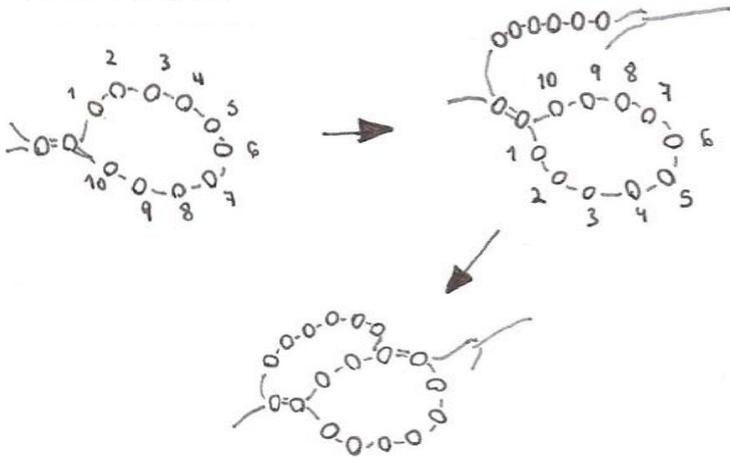
Essa técnica é realizada com fio de nylon e agulha. Dica: para passar o fio na agulha, é necessário morder um pouco a ponta. O tamanho do fio a ser cortado é cerca de dois braços para fazer uma pulseira.

Para começar, coloca-se 10 miçangas pela agulha e depois mais duas fechando; ao contrário da primeira técnica, para fechar aqui passa-se as duas pontas da linha dentro da miçanga pelo mesmo sentido.

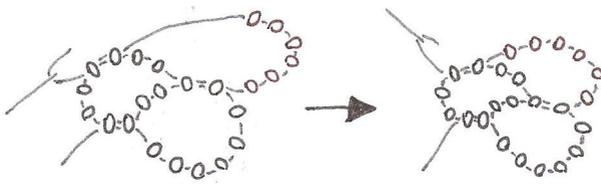


- Krahô -

Depois, são colocadas mais seis miçangas e passa-se a agulha pelas miçangas 8 e 7, formando um desenho como o abaixo:



Logo após, coloca-se seis miçangas da próxima cor e passa-se a linha dentro das duas miçangas do meio, dessa forma:



Depois, são colocadas mais seis miçangas da mesma cor e passa a linha dentro das duas miçangas do meio.

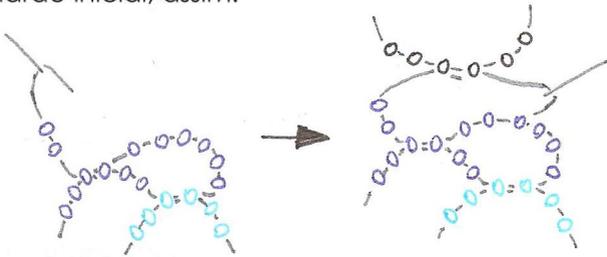
Esses passos devem ser repetidos até que se atinja o comprimento desejado. Dica: é interessante ir sempre puxando a linha de forma que não fique frouxo nem muito apertado.

- Krahô -

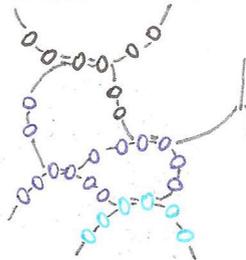
O efeito que se forma é como um zigue zague, assim:



Quando atingir o tamanho esperado, deve-se fazer o fechamento. Para isso deve-se colocar 2 miçangas da cor final e passar nas duas miçangas do meio do padrão inicial, assim:

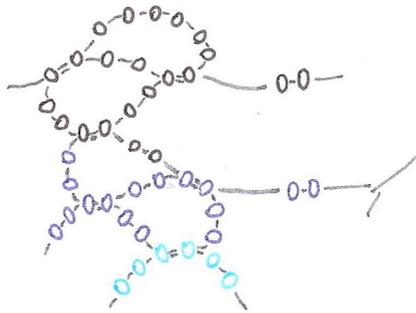


Depois, coloca 2 miçangas da cor inicial e passa nas duas miçangas do meio do padrão final, dessa forma:

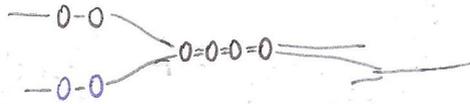


Logo após, coloca-se duas miçangas em cada ponta, de acordo com a cor do padrão ao qual estão conectadas:

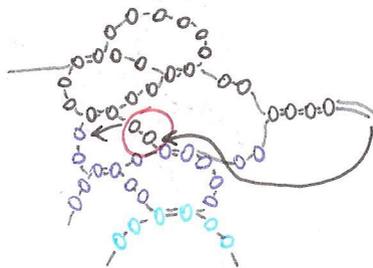
- Krahô -



Depois, devem ser colocadas 4 miçangas na cor do padrão inicial passando pelas duas pontas da linha, pelo mesmo sentido.



Assim, as duas linhas devem ser passadas pelas miçangas indicadas no desenho abaixo. Deste modo, deve-se apenas fechar a pulseira, da forma como ensinada por Lira; passa-se as linhas pelas miçangas anteriores, dá-se nós e depois queima-se a ponta.



A pulseira fica desse jeito:



- Maxakali -

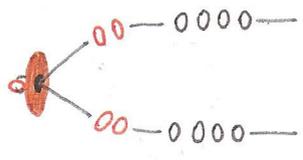
Por último, Sueli e Eliane Maxakali nos ensinaram três técnicas utilizando miçanga. Antes, porém, deve-se dar destaque para uma técnica tradicional de sua etnia, que envolve a embaúba.

Os homens buscam as sementes para as mulheres, que então as tecem, sendo utilizados esses fios para diversos fins, inclusive para fazer colares como o da foto, mesclando com a miçanga.

A primeira técnica que ensinaram, tem o nome de uma flor, e costuma ser usada para fazer pulseiras, tornozeleiras e colares. Para tanto, se utiliza fio de nylon. Começa-se com uma miçanga, posicionada mais ou menos no meio do fio seguida de uma semente com furo no meio, que pode ser outro objeto que simule um botão, seguido de uma miçanga:

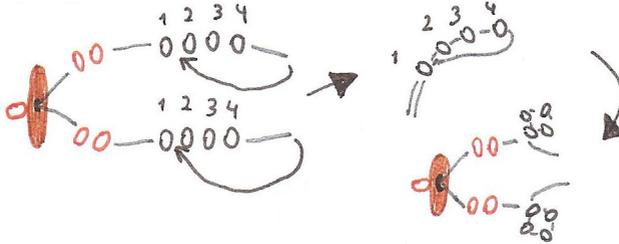


A seguir são colocadas seis miçangas de cada lado; duas da cor da primeira miçanga colocada e quatro da segunda.

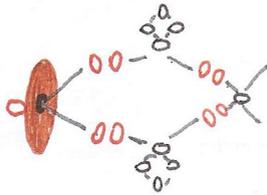


- Maxakali -

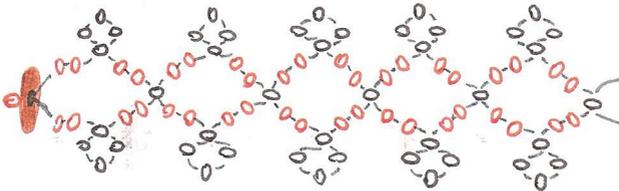
Faz-se então uma flor; a linha é passada dentro da miçanga número um, dois dois lados, dessa forma:



Depois, são colocadas mais duas miçangas de cada lado e uma cruzando, como o desenho:



O padrão se repete até atingir o comprimento desejado e o desenho se parece com isso:



Ao final, após cruzar a miçanga, coloca outra passando pelas duas linhas pelo mesmo lado e, depois, coloca umas 12 miçangas da mesma cor em uma linha, o suficiente para permitir a passagem do botão:

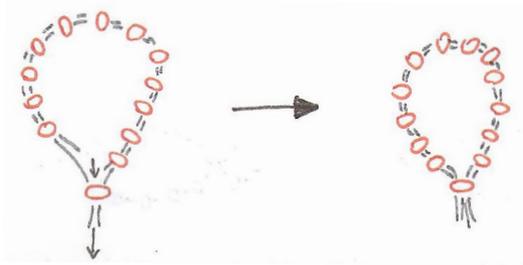


- Maxakali -

Depois, passa-se a outra linha pelas mesmas 12 miçangas, porém, pelo lado contrário.



Para finalizar, passa as duas pontas da linha pela última miçanga que cruzou, dando depois uns dois nós e queimando a ponta.

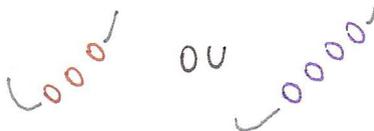


Sendo assim, a técnica resulta em um objeto como o da foto abaixo:



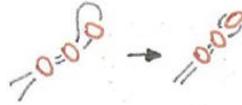
A outra técnica ensinada pela mestre utiliza fio de poliéster e agulha e consiste na repetição de um padrão bem simples.

Começa-se colocando 3 ou 4 miçangas na linha:

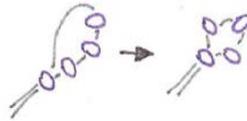


- Maxakali -

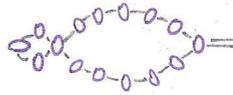
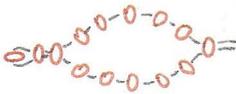
Com 3, "deixa" 1 miçanga e passa a linha em 2.



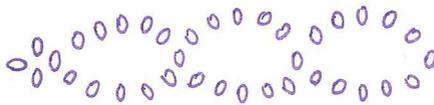
Com 4, "deixa" 3 miçangas e passa a linha em 1.



Depois, coloca-se 5 miçangas de cada lado e 1 miçanga pelas duas linhas:



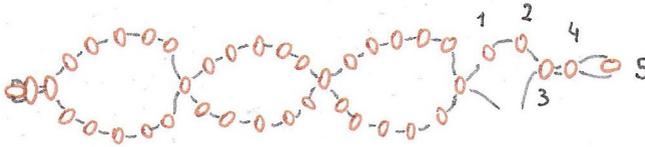
Esse processo é repetido até que se atinja a largura desejada.



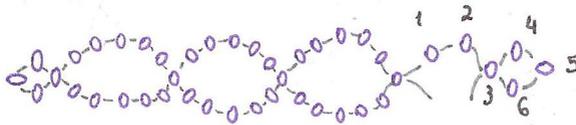
Até aqui, utiliza-se as duas linhas. Deste ponto em diante utiliza-se apenas uma linha, com uma agulha.

- Maxakali -

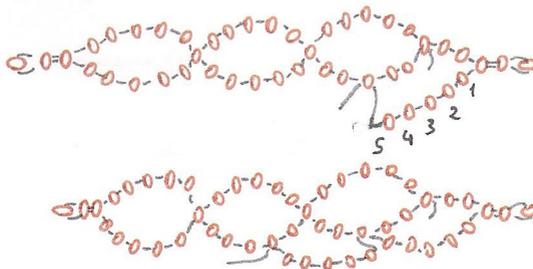
Na que começou com três miçangas, coloca-se 5 miçangas, deixa 1 e passa em 2:



Na que começou com quatro miçangas, coloca-se 6 miçangas, deixa 3 e passa em 1:

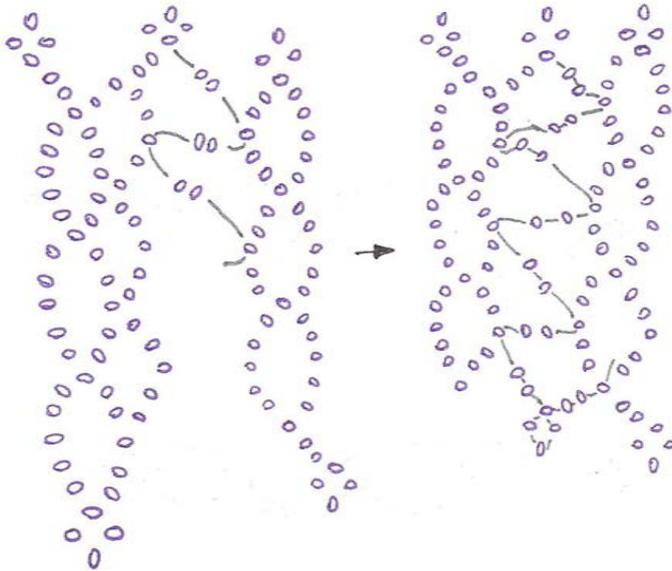


Depois, em ambas segue-se colocando 5 miçangas e passando a linha na miçanga do meio da carreira anterior:

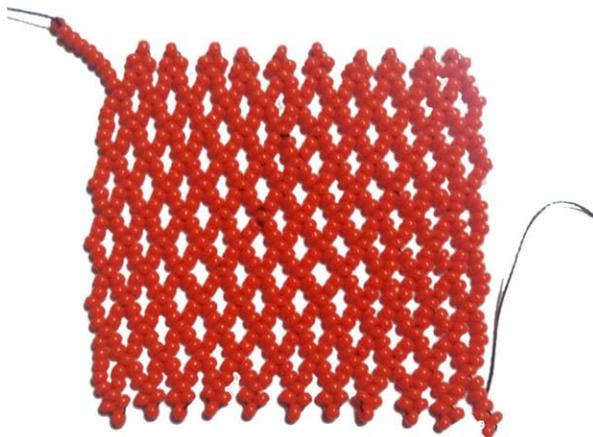


O padrão é seguido para as duas formas até o final, quando atinge-se o comprimento desejado. Para fechar, deve-se colocar duas miçangas e passar a linha no meio da primeira carreira, depois mais duas miçangas e passar no meio da última carreira, seguido de mais duas passando na miçanga do meio da primeira carreira até que esteja totalmente fechado.

- Maxakali -

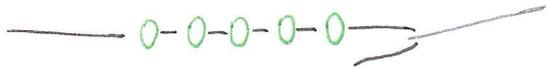


Para finalizar, deve-se fazer como ensinado em técnicas anteriores; passa-se a linha em miçangas anteriores, alguns nós são dados e a ponta é queimada.

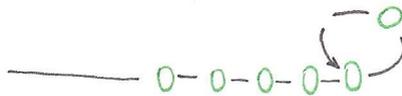


- Maxakali -

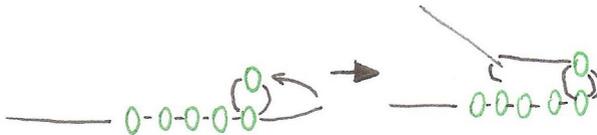
A última técnica ensinada utiliza fio de poliéster e agulha. Para começar, coloca-se a quantidade de miçangas de acordo com a largura desejada.



Depois, coloque mais uma miçanga e passe pela última das primeiras colocadas, no sentido indicado:

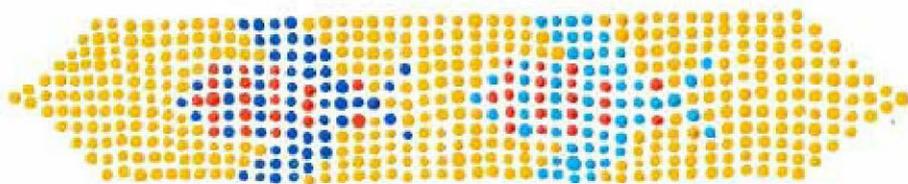
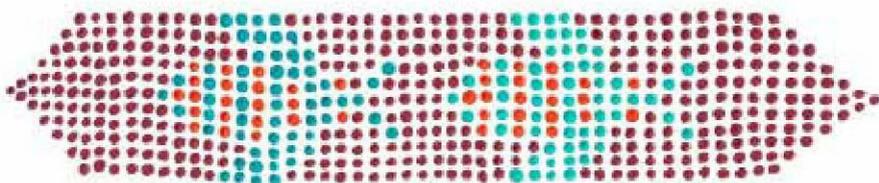
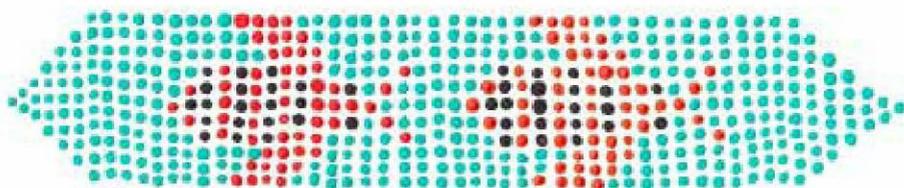


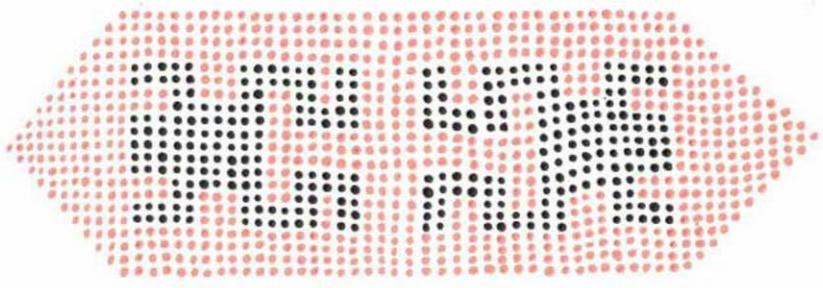
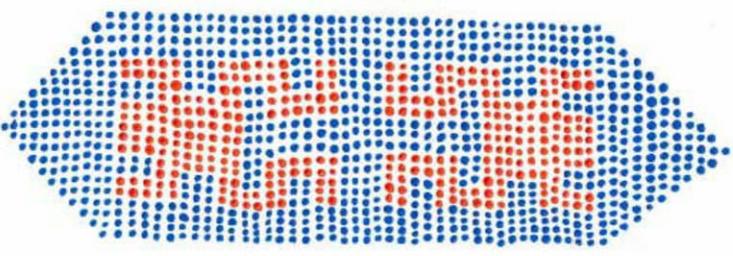
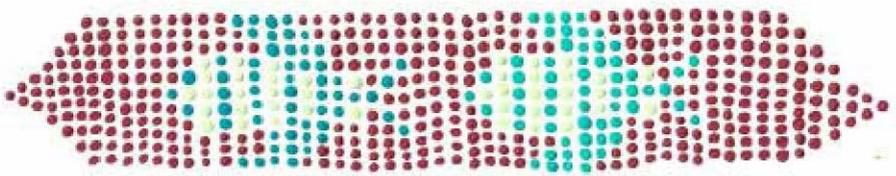
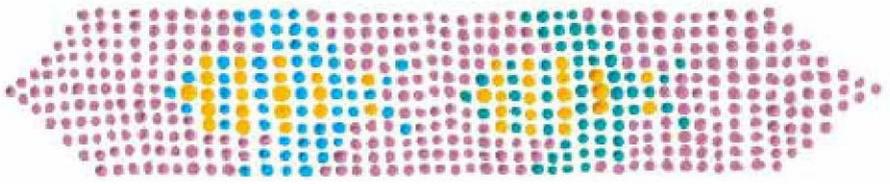
Em seguida, passe a linha dentro da última miçanga colocada, dessa forma:



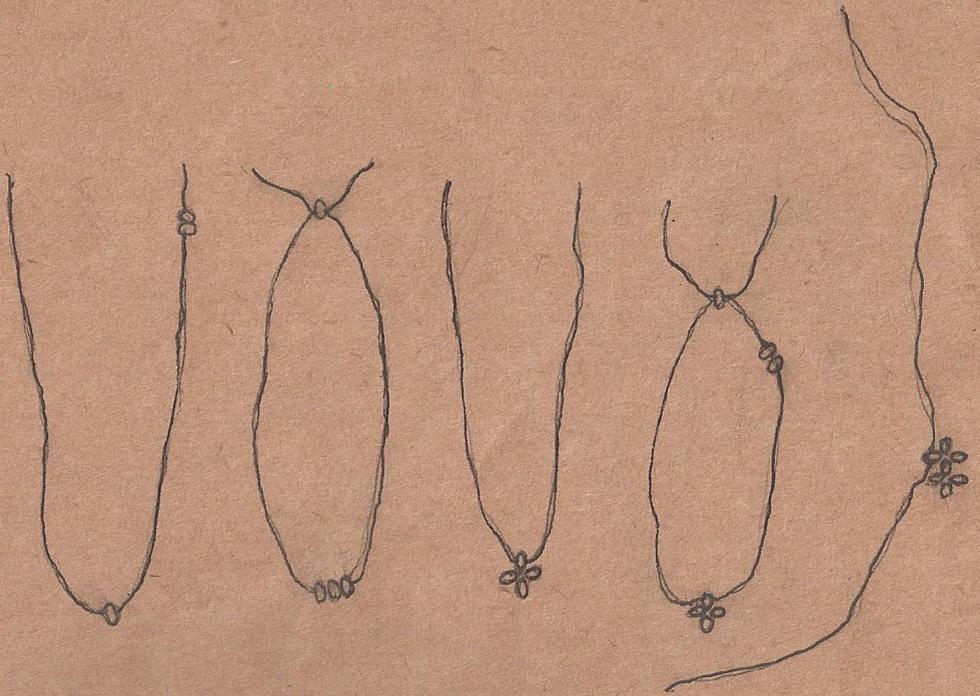
Repita o padrão até que atinja o comprimento desejado. O fechamento dessa técnica é um pouco mais complexo e, por isso, não será explicado nesse capítulo. A pulseira abaixo foi feita com essa técnica.





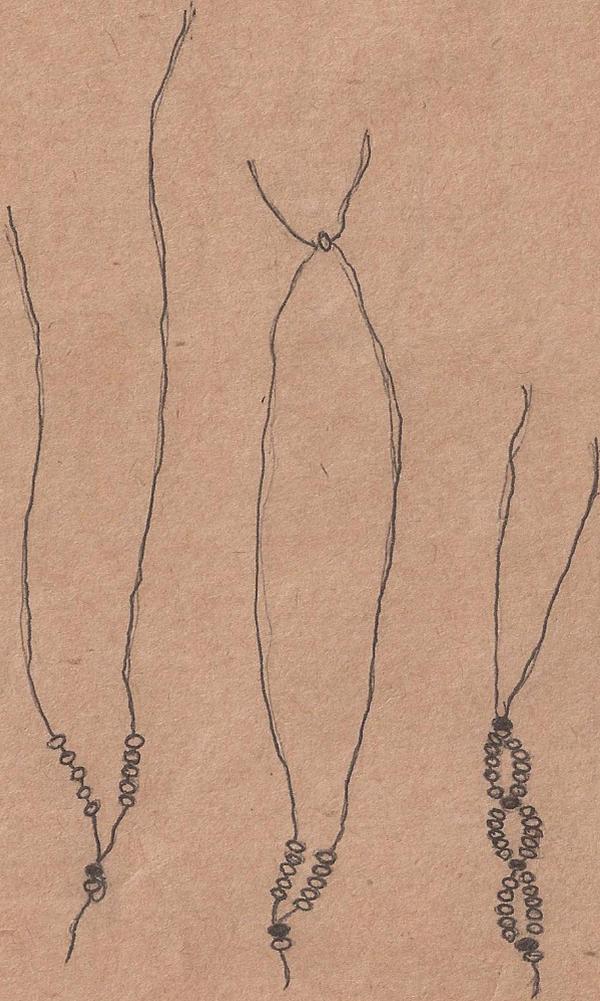






SABER OUVIR

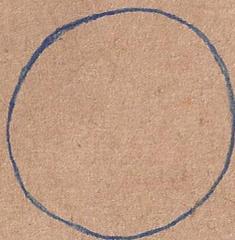
NÃO TER PRÉSSA



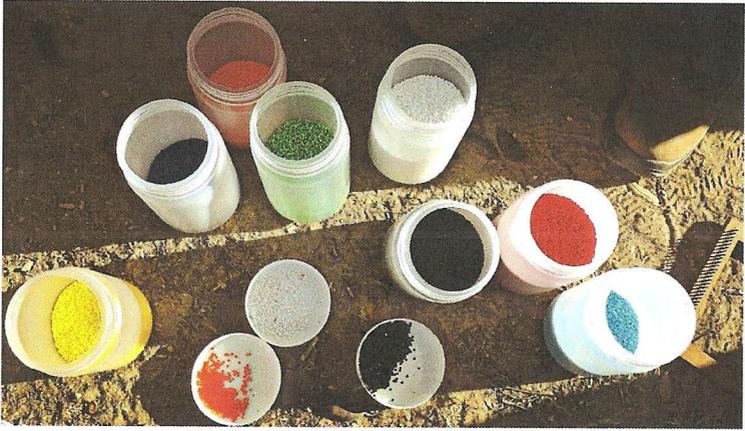
OS RESGARDOS PRESERVAM
a memória e a vitalidade

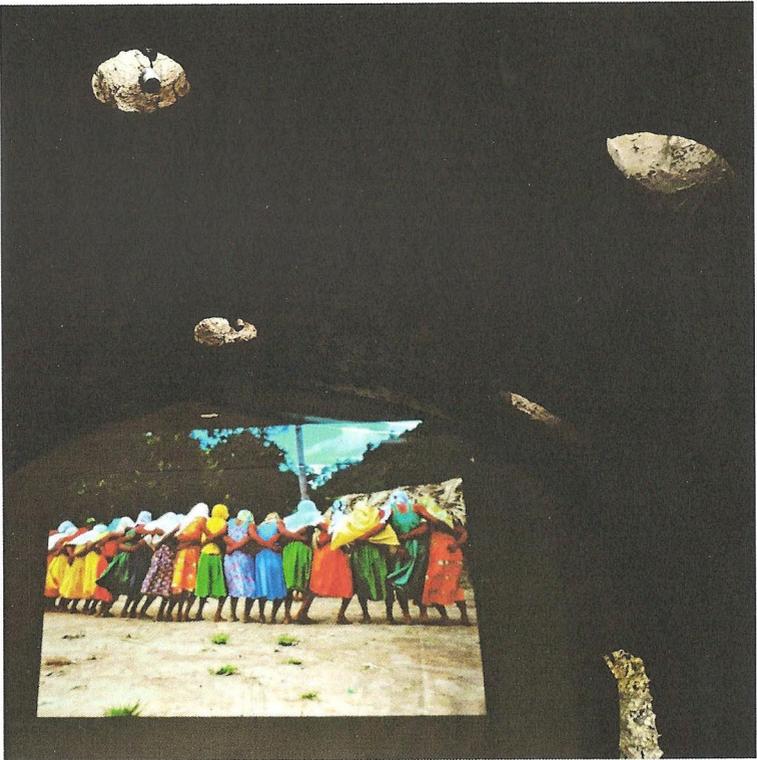


OUVE-SE AS ÁGUAS



vão se pergunta tanto "por quê"





O MITO DO PRIMEIRO PAJÉ

Transcrição do relato de Creuza Prumkwjy Krahô

feito em Belo Horizonte no dia 02 de outubro de 2017
por Natália Achcar

Vou contar a história do pajé, o primeiro pajé que surgiu no meio do povo indígena. Esse pajé é do bem, não é do mal, ele começou a ser mal, mas ele voltou a ser muito melhor do que todos...

Numa aldeia grande, tinha um casal que nunca tinha filhos. Aí eles mudaram do lugar para um outro lugar, atravessando o rio. “Do outro lado vamos fazer a aldeia, que aqui não dá mais pra morar”. E aí eles atravessam para o outro lugar para fazer as casas. Todo dia o pessoal fazia a casa e esse homem estava doente, entrou uma formiga no ouvido do homem. A mulher dizia “Meu marido, eu vou atrás, eu vou fazer nossa casa”. Dizia que ia para lá, mas chegava só à noite e aí o homem perguntava “e aí, a casa nossa está pronta?” A mulher falava “Não, ainda não está pronta não, mas nós vamos aprontar, tá ficando perto de aprontar”... E nada dessa casa... E ele estava preocupado. O pessoal começou a se mudar, todo mundo, na época não tinha essas coisas de carregar a bagagem, todo mundo ia indo embora e ele preocupado, que estava doente e não tinha como ele fazer a casa deles.

Todo mundo foi embora, ele ficou só na aldeia vazia, aí os urubus desceram, três. “Vamos embora passear na aldeia que o pessoal já foi, todo mundo, não tem mais ninguém aí, bora caçar pra ver se tem um bicho pra comer”. Os urubus falam um com o outro e falam com os pajés também... desceram e foram andar nas casas, aí um viu e falou: “Vixi, tem uma pessoa morta ali”.

“Onde?”. “Bem ali nessa casa, eu vi”. “É mesmo?” “Vi, bora lá”. Os urubus chegaram e o homem estava deitado com as costas pro rumo da porta, aí o outro viu e falou “Não morreu não, tá vivo”. “Será que tá vivo?” “Tá vivo. Quero ver você falar com ele”. Aí ele perguntou boa tarde, na língua do *Mehi*.

“Nossa, eles deixaram você sozinho aqui?” “É, foram embora e eu tô aqui”. “O que foi? “Entrou um negócio no meu ouvido e minha mulher disse que está fazendo a casa e nunca me levou pra essa casa e eu tô aqui deitado, passando mal, ela não voltou ainda e eu tô aqui sofrendo.” O urubu olhou para o ouvido dele e viu o formigo de mandioca. “Nossa, mas tem um formigo no teu ouvido, é isso que tu tem, tá doendo por isso. Eu não dou conta de tirar que meu bico é grande, mas vamos convidar todos os pássaros de têm o bico fino pra arrancar essa formiga.”

E ele ficou lá deitado, pensando “Eu vou ficar bom?” O urubu chamou o beija-flor e falou “Quero que você vá dar recado para quem tem bico fino chegar aqui agora e você, na velocidade que você anda, eu quero que você traga essa pessoa agora para tirar esse formigo do ouvido do rapaz”. O beija-flor foi embora e foi caçar esses bichinhos que tem o bico fininho, na língua do *Mehi* eu sei de todos os nomes, mas do *Cupen* eu não sei, vocês me desculpem, mas eu não estudei ainda o nome desses bichinhos em português...

O pássaro que é do bico fino chegou lá e falou assim “Por que é que vocês estão me chamando?” “Quero que você tire essa coisa”. Tem um passarinho que tem o bico bem duro, que você faz assim e não quebra e o outro é mole. Esse mole não dava conta de tirar e disse: “Eu não dou conta, tem que chamar outro”. E aí esse passarinho chegou e falou assim “eu dou conta de tirar, pode segurar o senhor para mim, meu tio”, ele chamava de tio, considerando ele como um parente, esse passarinho... O urubu e esses outros pássaros seguraram e ele meteu o bico e tirou o formigo de mandioca, dizem que estava cheio de pus. Chamaram esses mosquitinhos, vocês já foram no mato e viram mosquitinho mole? Chamaram esses mosquitinhos para lamber o pus todinho,

para deixar limpinho, para não deixar nenhum pus no ouvido daquele que estava virando pajé - ele não era pajé ainda.

“Tiramos! E agora? Você vai morar conosco ou você vai atrás da sua mulher?” “Não.” “Nós vamos te levar para o céu, lá você vai ficar bonzinho”. O urubu queria ajudar muito esse homem, ainda ele não sabia do nome, era o *Mehi*, não tem nome ainda, o pajé. O urubu ficou assim de fila, aí mandou colocar em cima dele, aí ele deitou em cima e ele mandou fechar o olho, “Você pode fechar o olho, não se mexa, porque senão você vai cair”... quando o urubu começou a voar, não aguentou, porque as asas deles são grandes mas eles são fracos, e falou: “Não dou conta de levar você não, nós vamos chamar outro”. Têm dois tipos de urubu, esse não come carne, esses pequenininhos da asa dura, não sei como vocês chamam... E aí dizem que esses urubus vieram, pegaram esse homem e colocaram de novo a fila de outros urubus e aí começaram a subir com eles. O gavião e todos os passarinhos foram ajudar e foram embora com esse homem para o céu...

Chegou lá e encontrou o sol, entregou ele para o sol. “Nós trouxemos nosso tio, agora eu quero que você resolva com ele, porque eu quero que ele fique enxergando de dois jeitos”. “Deixa ele aqui, vocês voltam para caçar e é para trazer só carne boa, não é para trazer carne ruim para cá”, só carne de primeira que diz, e era para ele comer tudinho cru, jogar na boca dele e ele engolir... Mas quando chegou lá o sol tomou conta: “Agora sou eu, não é vocês mais não, agora eu que vou dar de comer a ele”.

E aí diz que ele comia só coisa crua e começou a andar com fogo, vocês vêem estrela cadente quando ela anda? Dizem que o sol fala assim: “Vou embora brincar... Nós vamos brincar agora de fogo!” E aí ele diz “Como que eu vou brincar de fogo, que eu não sei?” “Você vai aprender a brincar de fogo”. Aí botava aquele coisa no fogo para ele descer correndo e ele descia com aquele fogo na mão. Essa estrela cadente que o pessoal vê é o sinal que ele deixou lá.

E aí, quando o pajé... dizem que ele já estava enxergando e ele estava doido para ver a mulher dele, estava com saudade da

mulher dele. “Eu quero ir para a aldeia”, disse. “Você não vai porque eu quero que você veja lá na terra como que o povo vive”. Quando foi para descer, o sol chamou: “Bora bem ali para você ver um negócio”. Levou lá dentro do mato e abriu um buraquinho: “Óia aqui”. Ele olhou para a Terra. Nossa, era bonito demais! “Mas como que eu vou fazer para descer?” “Você vai descer, fica calmo, tenha paciência, não é assim não, você veio doente, agora você vai se curar para voltar... e eu quero que tu veja uma pessoa”. E mostrou só a mulher dele namorando: “Essa é a última página que tu vai olhar, eu quero que você conheça essa pessoa”. “Nossa, meu deus do céu, como é que pode fazer com essa mulher para trazer?” “Não, você não vai trazer ela, ela vai ficar lá, ela já está grávida, está vendo que ela já está grávida? Esse homem já engravidou ela... e você não pode ir atrás”.

E fechou as portas para ele. “Agora você não vai ver mais ninguém, que você está doido para ir embora”. “Eu quero ir embora porque eu tô com saudade da minha mãe”. “Não, você viu sua mulher, você está doido para ir embora para correr atrás da sua mulher, você não vai. Agora eu quero que tu vira gavião, tu já sabe, se tu virar gavião, você vai descer”, aí diz que ele ficou em pé num lugar e contou que ele já era um gavião... não tem o gavião real? Esse gavião real era ele. “Voa para eu te ver, se você está bom pra voar”. Ele voou, voou, voltou e ficou pertinho dele em pé e falou assim: “Acho que eu dou conta de descer”.

“Você vai descer mas não vai ficar lá, você vai passear em cima da aldeia, ver todo mundo e voltar de novo, porque você não está preparado para ir embora, você vai embora só quando você enxergar tudo que tem para você fazer”. Dizem que virou gavião e foi embora, mas que ficou alegre quando chegou perto, ele queria descer para ver a mulher dele de perto. Olhava para a mulher dele, estava doido para descer e não podia quebrar o resguardo dele, que o sol estava mandando ele descer mas tinha que voltar logo...

Dizem que tinha um velhinho deitado, até hoje eu fico pensando será o que que ele era, esse senhor? “Meu deus do céu, de onde que vem esse passarinho que eu nunca vi um

pássaro cantar assim e agora eu tô ouvindo?” Aí ele foi embora, viu a mulher e a mãe e foi embora.

Chegou de volta, o sol perguntou: “E aí, quem foi que você viu?” “Eu vi a minha mãe e eu vi minha mulher”. “Pois é, você não pode voltar mais lá agora, você vai passar um tempo aqui, no verão você volta”. Aí ele passou uns tempos lá, fazendo todo o remédio, conversando com marimbondo, conversando com esses bichos que os pajés conversam, né, e aí ele disse: “Agora você está preparado para ir embora. Eu vou mandar todos os gaviões irem caçar para trazer carne para levar para Terra.” Isso acontecendo lá no céu, ainda história do céu... ele desceu quando foi ser pajé.

O sol botou a carne e disse “Você vai descer sozinho.” E ele veio como gavião, né, só que ele não desceu na aldeia, desceu longe da aldeia, perto da mãe dele que estava arrancando batata na roça. Diz que tinha um menino, esses meninos mais velhos que eu conheci também, eles jogam flechinha andando assim, se a avó está sentada ele está bem ali jogando flechinha e andando. O gavião estava detrás de uns paus e botava a cabeça para fora e chamava o menino. O menino olhava e corria: “Vó eu vi meu tio!” “Que tio? Ele já morreu há muito tempo, ele não é vivo mais não!” “Mas é ele que eu vi!” “Não, não é ele”.

Diz que essa criança ficava assustada, mas chegou perto do tio dele. “Vem cá! Sou eu, vem pegar na minha mão.” A criança foi lá e pegou na mão. “Aperta meu dedo.” Apertou. “Tua avó está fazendo o que?” “Assando batata.” “Pois eu quero comer batata, fala para ela assar batata que eu quero comer batata.” A criança corre para lá: “Vó, o tio está ali querendo comer batata.” “Meu filho, seu tio já morreu, num fica desse jeito, você não vai mais para esse lugar!” “Vem ver, então!” E levou a avó. Chegou lá mas ele correu e escondeu noutro lugar. “Eu não tô te falando que é a alma dele, não é ele que está aí... você não vai vir mais aqui!” e proibiu a criança. Mas ele enganou a avó e foi lá de novo. “Por que tu escondeu, que eu trouxe a avó e tu não tava aqui?” “A mãe não pode me ver agora, só você vê, fala para ela assar.” “Não, ela não

quer assar batata... ela disse: vem aqui agora, eu quero ver esse teu tio, se é ele ou não!”

“Vai falar para a mãe que eu vou agorinha, pode me esperar.” A mãe quando o viu ficou chorando, caindo no chão. “É verdade que você está vivo!” A mãe não queria acreditar que era ele. “Eu vou contar a minha história todinha para você acreditar em mim. Agora eu sou pajé e voltei para curar vocês. Eu vim aqui, vi vocês, voltei para lá e agora eu já vim definitivo, vou ficar aqui na terra agora, vou cuidar de vocês.” Ele perguntou: “E minha mulher?” E a mãe disse: “tua mulher está namorando com outro homem.” “Vi lá de cima, duas vezes, que ela está me traindo. Está pensando que eu tô morto mas eu não estou, tô vivo!”

“Agora nós vamos para casa”, disse. Começou a chorar e o pessoal começou a chegar, né, pois quando um Krahô está chorando vem muita gente olhar o que aconteceu. A mulher dele viu e voou na carreira para a casa da mãe, disse: “Mãe, meu marido chegou todo pintado de urucum, pau de leite, corte de cabelo, ele veio de onde? Mas ele está bonito...” “Está bonito e você não esperou ele, e agora? E agora o que que vai dar?” Elas assaram um moquém, né, o primeiro pagamento era esse, levar comida, muita comida na cuia e a mãe botou ela na frente e levou a cuia e chegou lá e botou em frente do genro. “Está aqui, meu genro. Olha o pagamento que minha filha estava te traindo, eu quero que tu aceita ela de volta, eu quero que você casa com ela de volta.” E ele disse: “Não, não quero. Não vou pensar nisso agora.”

A mãe pegou ele, botou para dentro da casa e a mulher dele disse que ia ficar mais ele e ficou. Disse que ia morar mais ele, não ia embora. O marido perguntava: “Você estava me traindo?” “Não, eu nunca te traí na vida, nunca!” “É verdade o que você está falando?” “É verdade, eu nunca te traí e não vou te trair nunquinha. Eu estava esperando você voltar”, disse. “Você está mentindo para mim, você está grávida!” “Eu não estou grávida!”

“Você quer ver nascer?” Foi o dia que ele descobriu que era pajé, né, ele já sabia de tudo mas não ia contar para ninguém. E disse: “Você vai ver o que vai acontecer com você.” Pegou uma

flecha e fez o buraquinho. Colocou assim na traseira dela e disse: “Eu vou soprar, você pode olhar para frente.” Soprou com força e o bebê saiu e caiu lá no chão. “O que é isso? É lagartixa? É bichinho do mato ou é teu neném?” Aí ela ficou calada, não podia falar nada, né? “Agora você vai fazer o teu resguardo e aqui eu não quero você comigo, você vai ficar com sua mãe.” E ela ficou quieta.

Quando ficou boa do resguardo, dizem que se encontrava com esse namorado dela. Diz que ela falava “Eu vou arrancar batata na roça.” “Vai, mas volta logo”, ele dizia. E quando ela ia, o namorado ia encontrar ela lá longe da casa. Aí ele ficava olhando deitado e, quando eles ficavam transando, ele virava formigão, aquele que tem a ferroada, né, que dói muito. Só de ver o mato eu já sei que tem, diz que quando eles estavam transando, ele vinha e picava bem perto da bunda dos dois! Eles saíam gritando de dor, ela chegava na casa gritando. “O que é que tá doendo?” “É porque eu estava arrancando batata e alguma coisa me picou perto da minha bunda”, mentia. Aí ele ficava só deitado olhando para ela e apertando para a dor aumentar, para ficar doendo mesmo... aí depois ele aliviava, ele mesmo fazia isso...

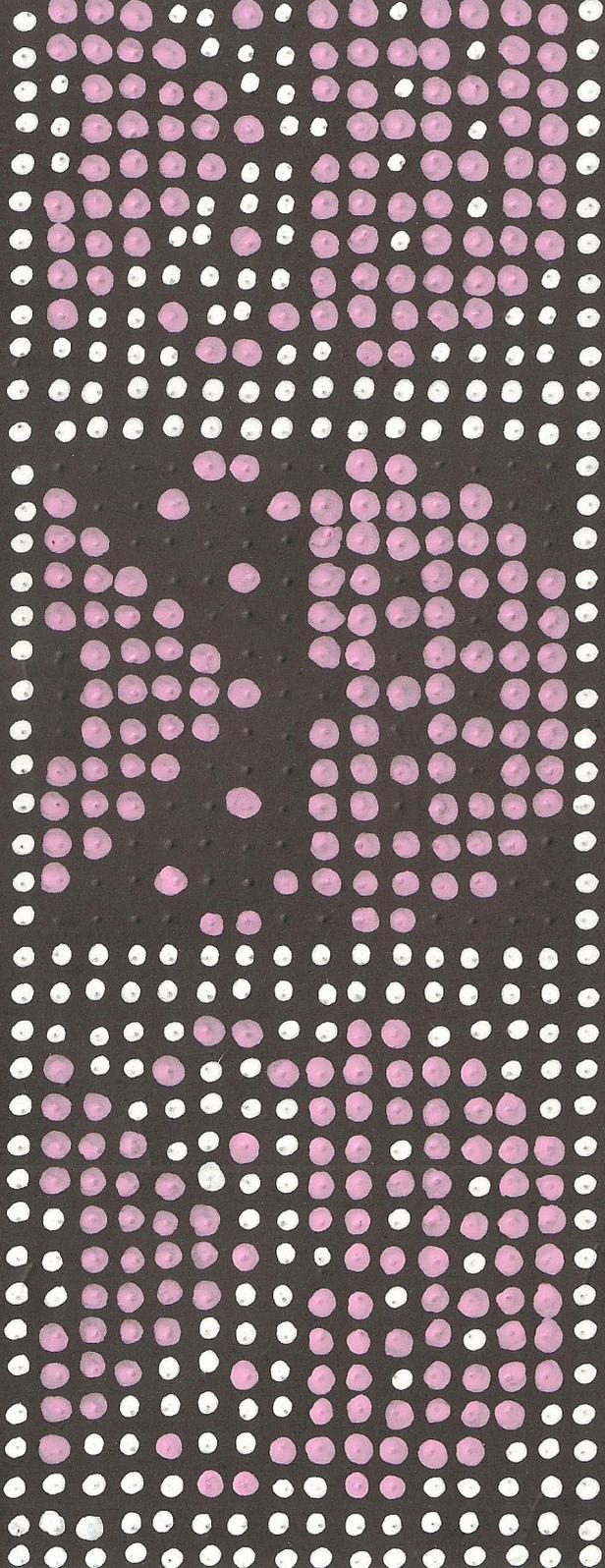
Uma vez ele virou cobra e mordeu os dois, para matar mesmo. A cobra mordeu os dois, e gritavam, gritavam... ela estava para morrer mas ele sabia o controle do veneno. “Meu deus do céu, minha mulher vai morrer agora!” Levantou ela e disse: “Você vai me trair de novo com esse homem, vai? Tu acha que é a cobra, que são esses bichos que fazem isso? Eu que tô fazendo isso! Eu vou falar para você: eu sou pajé hoje e eu vou curar você, pode levantar.” Ela levantou, ele passou a mão assim nas cadeiras, assim para baixo e puxou a cobra e virou. “Está aqui ó, tá doendo?” “Não, parou a dor!” “Pois é, se você me trair, você vai morrer.”

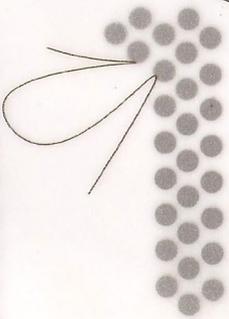
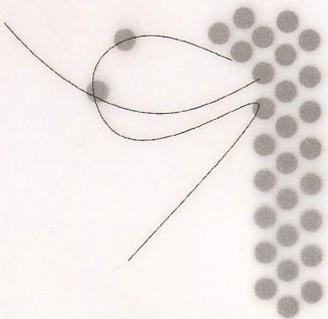
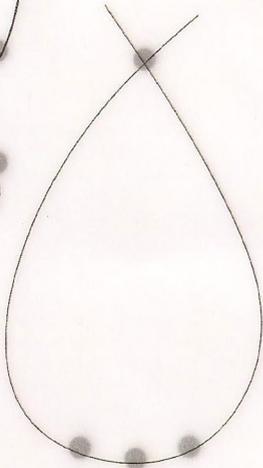
Ela em vez de ficar quieta - essa mulher era pimenta - não, ela correu e falou para a mãe que ela foi curada por dele. Tinha que chamar ele para curar o homem, que confusão que ela estava caçando para ela de novo... Perguntaram: “É verdade, você curou?” “É verdade, eu estava pra morrer e ele que me curou!” Aí

correram, falaram para a mãe do rapaz e ela levou uma cuia de inhame cozido e disse: Eu vim aqui para você acudir teu parente que tá morrendo... que tava caçando guariba e uma cobra mordeu...“ Mas ele sabia de tudo, ele viu tudo. “Vou lá, mas só quero ficar com ele sozinho, não quero ninguém perto de mim.” Todo mundo saiu da casa e ele entrou e falou: “Eu vou curar você, mas se você for atrás da minha mulher de novo, eu vou é matar vocês dois!” “Eu te juro, num é eu que vou, é ela que vem atrás de mim!” “Pois é, agora eu quero ver quem vai atrás de outro agora!” Ele levantou e também ficou curado, ficou bonzinho e toda a aldeia ficou sabendo que ele era pajé, pajé forte da aldeia.

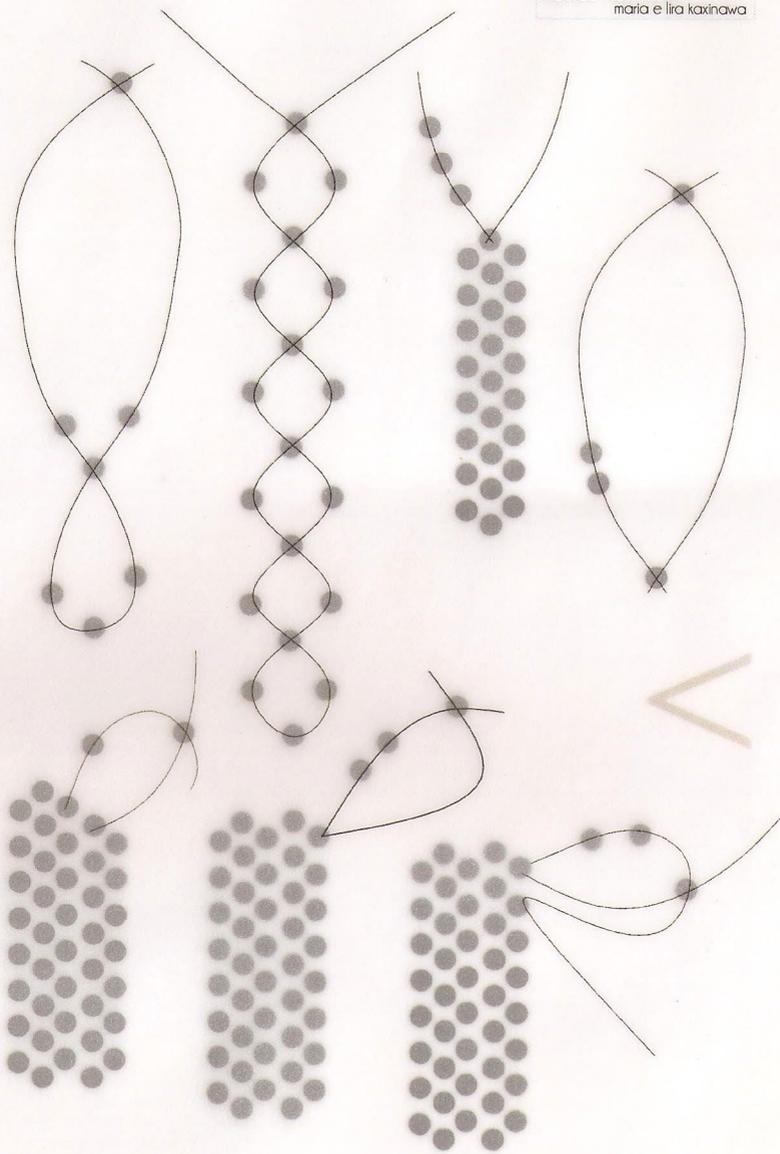
A mulher dele não saiu mais nem sozinha para andar, nem o homem... A mãe do homem falava para ele: “Nunca mais você faz isso, porque você vai morrer! Ele sabe muitas coisas, mais do que nós.” Então ele foi o primeiro pajé que surgiu. Tentou matar dois né, mas não matou para contar a história dele, que ele não ia ser o mal, ele é o bem. Ele ia ser o mal se matasse, mas avisou “Se vocês fizerem de novo, eu vou matar vocês dois!” Eles guardaram isso com eles, não contaram pra ninguém, mas qualquer coisa, um que adoecia, ia lá até ele e curava. Conversava com os macacos, quando os macacos estavam com bebezinho doente procuravam ele e ele curava também os animais.

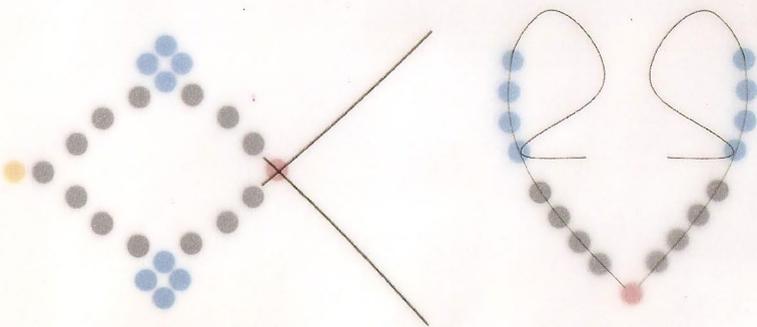
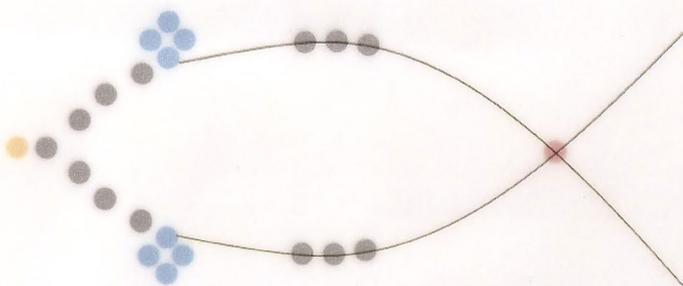
Então essa é a história desse pajé. Depois vieram outros pajés, que ele ajudou como virar pajé... Mas começaram a roubar esse cocar que nós usamos, os Krahô, mas só em festa. Esses cocares de pena de arara que a gente só usa quando tem festa, não pode usar assim pra todo mundo tá vendo, não pode! Quando eu fico vendo o pessoal usar e tirar foto, não dá! Porque ali está acabando... Nós temos uma crença desse cocar, eu sei fazer ele todinho, eu fiz um para o meu sobrinho que terminou a festa agora. Colocar pena de arara azul e papagaio, ficou muito bonito! Mas não podemos estar mostrando e vendendo, porque ali é uma coisa sagrada nossa.



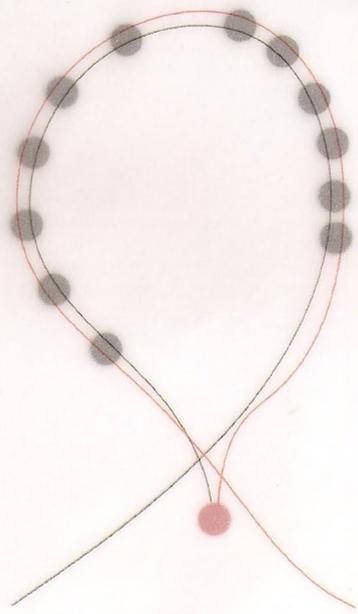
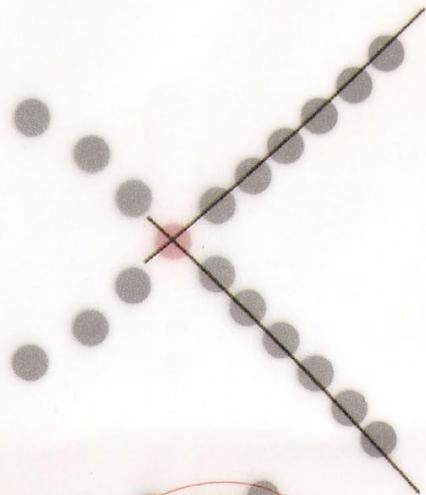


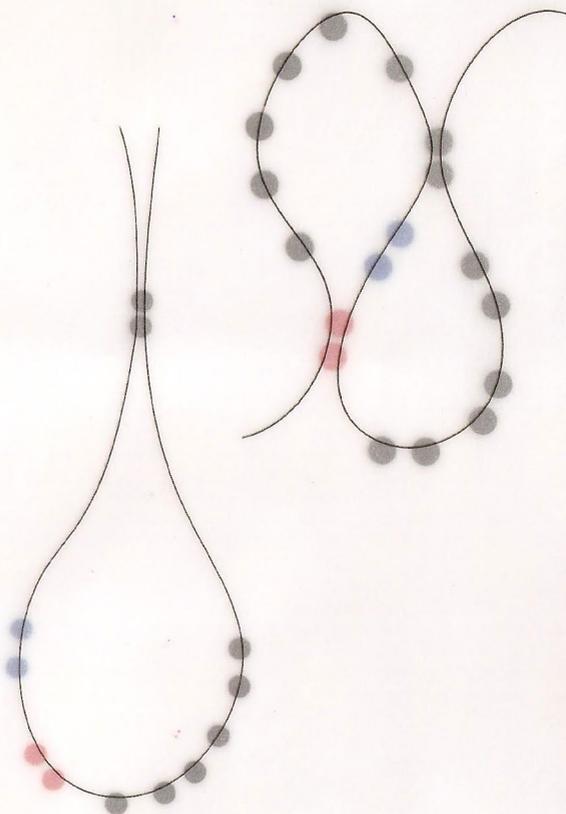
para todos os
kenes huni kuin
maria e lira kaxinawa



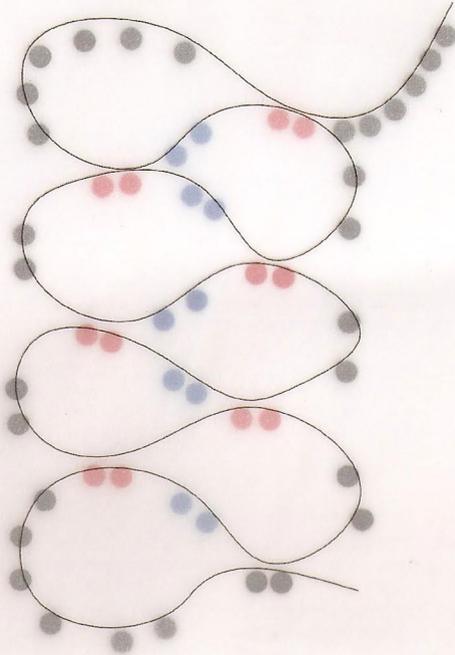


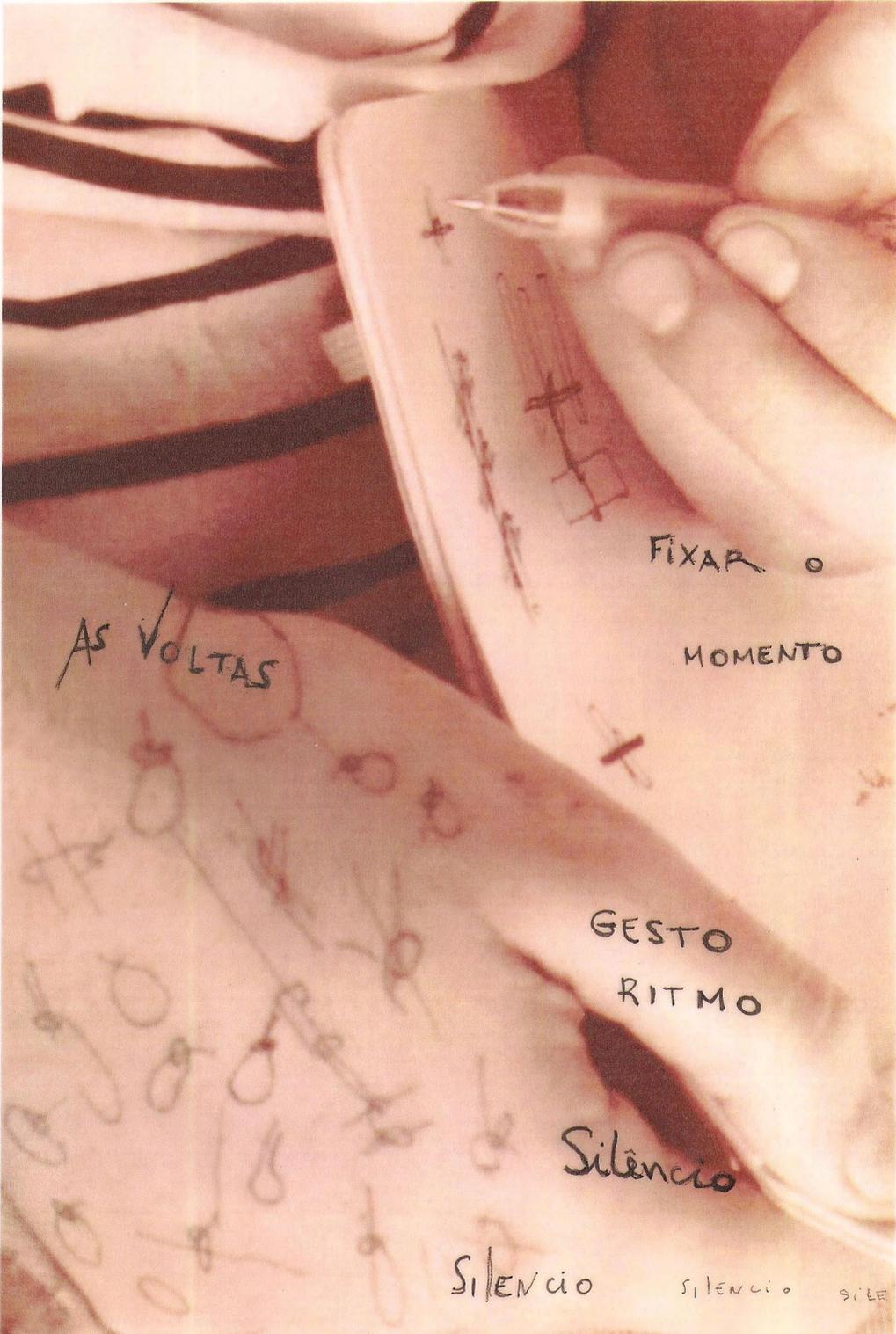
flor tikmu'un
sueti maxakali





arco iris krahô
Creuz e etiana krahô





AS VOLTAS

FIXAR O

MOMENTO

GESTO
RITMO

Silêncio

Silêncio

Silêncio

SILE

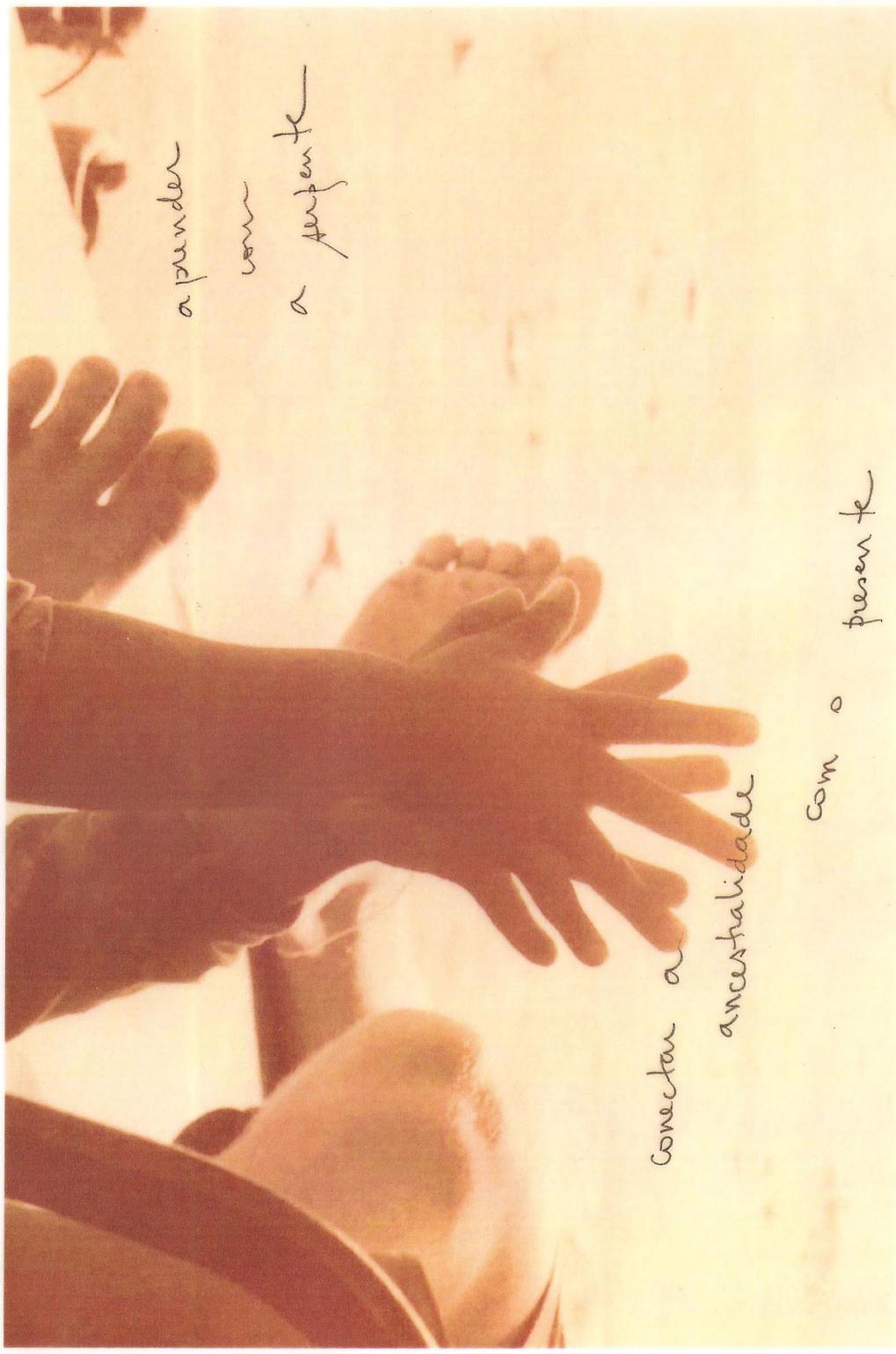


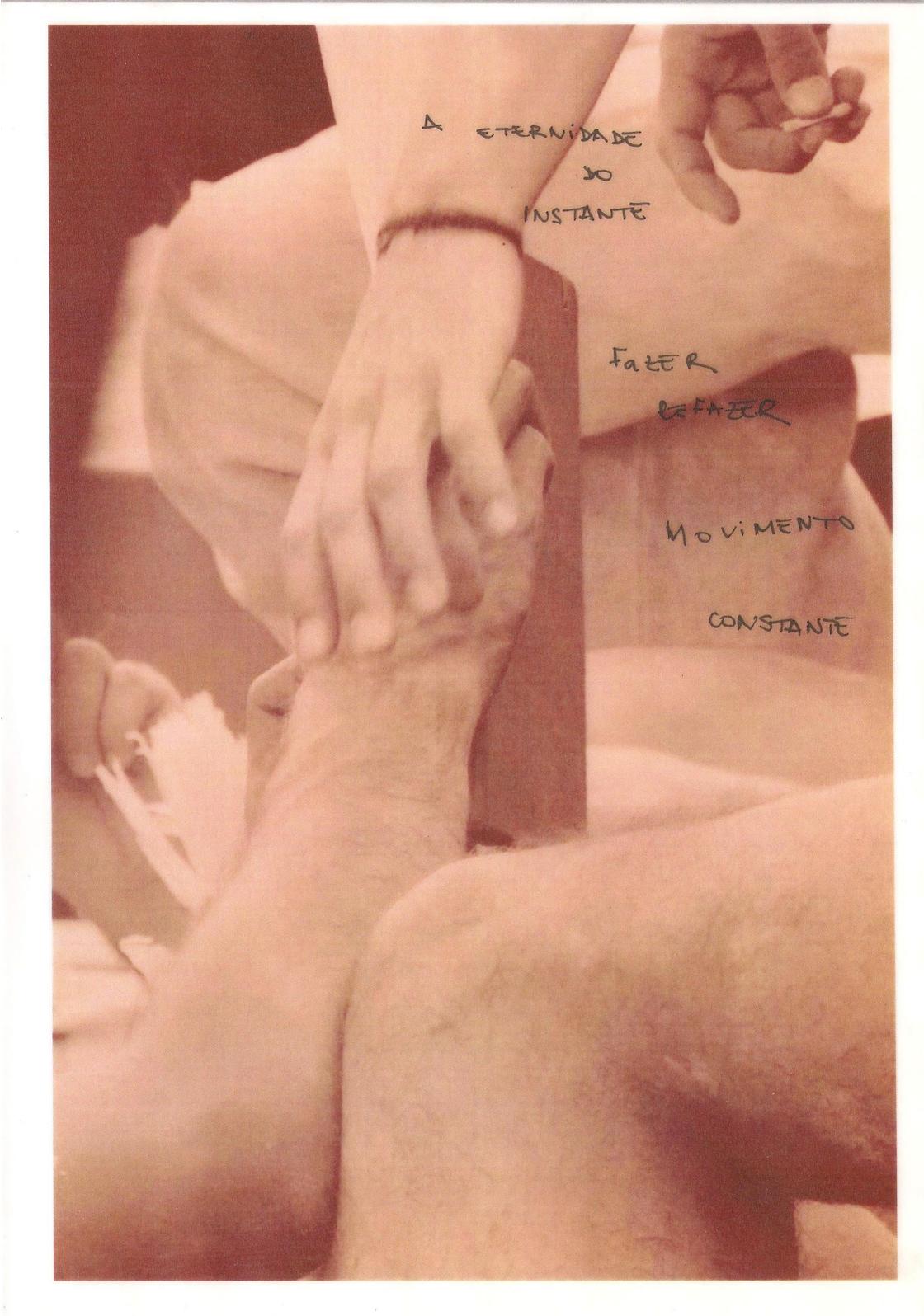




a prender
com
a argente

Conectar a
ancestralidade
com o
presente



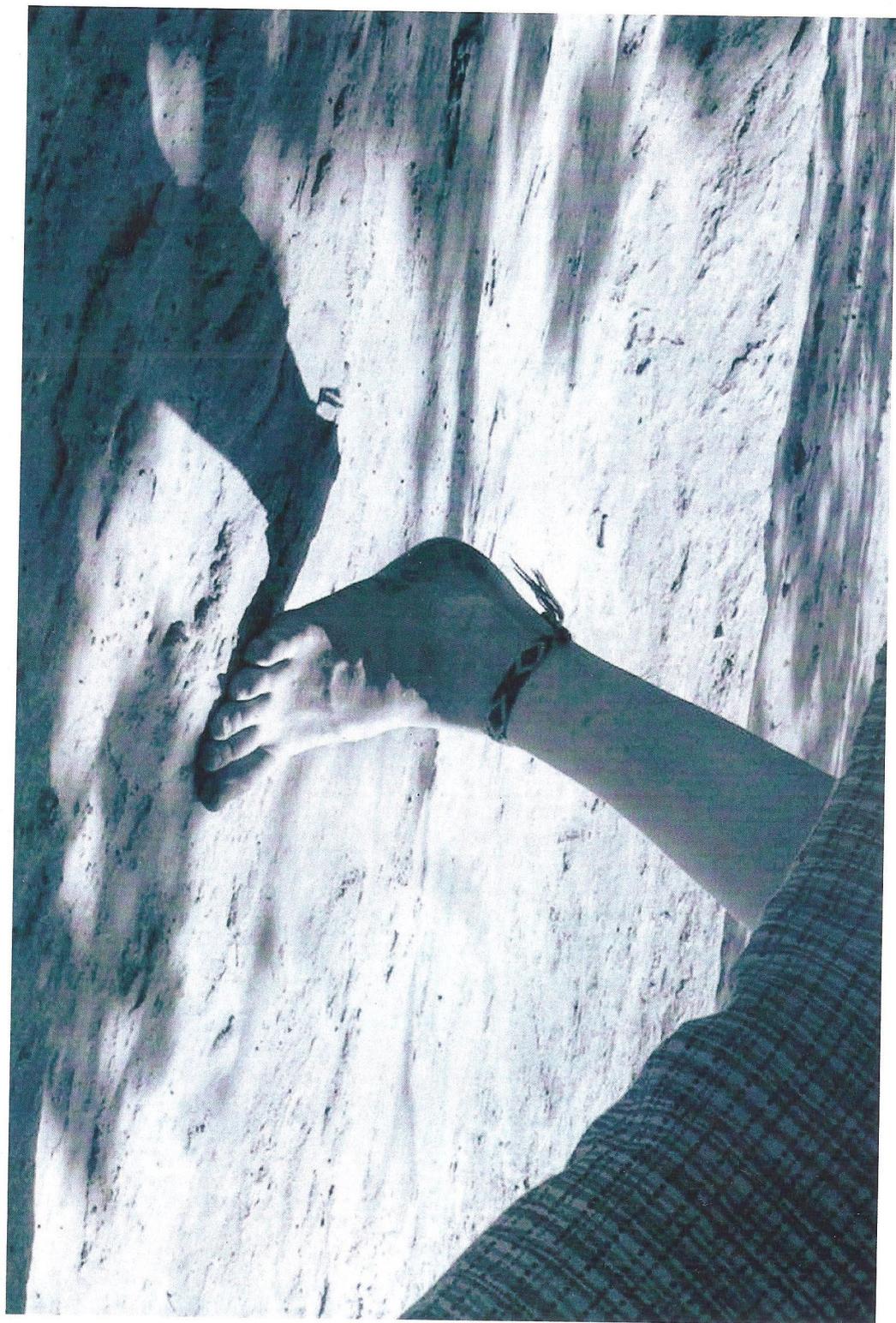


A ETERNIDADE
DO
INSTANTE

FIZER
~~DE~~FIZER

MOVIMENTO

CONSTANTE









*Arte da Miçanga - Costurando
Gerações de Conhecimento*



Coloca a conta

Conta

Conta

Cruza e conta

E canta

Encanta

Coloca a conta

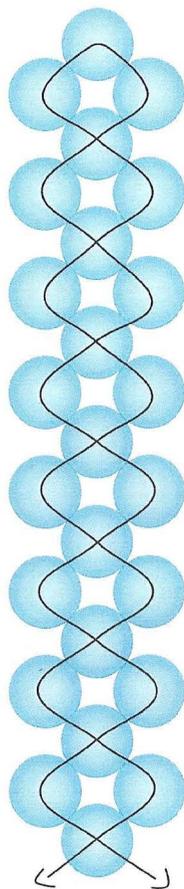
Conta

E canta

Cruza e canta

A conta

A conta



[Aline Silva]



*Corta a linha
Correm as pontas
O caminho
Se faz de contas*

[Aline Silva]

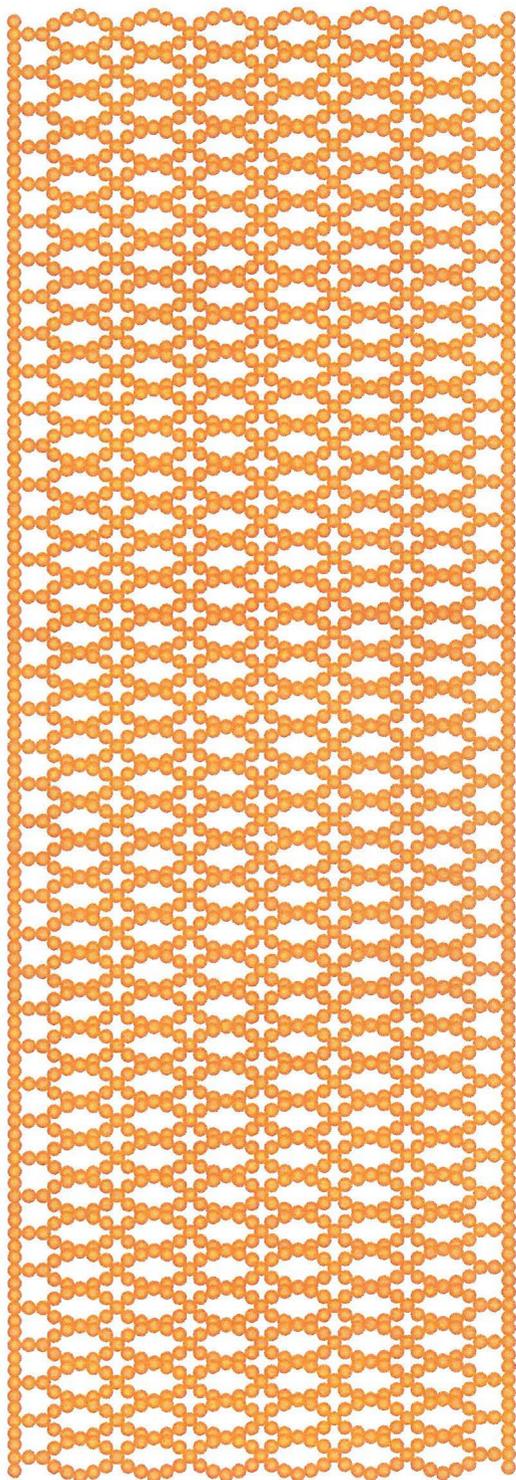
*Traz a força
O encanto
A beleza
O amor*

*Natureza
Como és bela
Nas formas
Do criador*

*És tu índia
Ó guerreira
Guardiã
Do seio em flor*

*Das miçangas
Cruzam as pontas
Huni Kuin
Maxakali
Krahô*

[Aline Silva]



Da suavidade
Do som
Da voz
Da Lira

Do brilho
Do olhar
Do sol dos olhos
De Maria

Se inicia
A Magia

Do fim ao início
Do início ao fim
Das Ye'kwanas
Às Huní Kuín

Aprender
Não como se prender
E sim como se render
Ao enredar do Ser

A cada Miçanga
Em seu lugar
O ensino vem do acerto
Mas também do errar

Do vir a Ser o que seria
Se deveria?
Não sei
Por não saber
Se há Lei lá

Crê eu
Que o fazer
Vai além do simples dever
Como observei Creuza
E a Leila
Povo Krahô
Que com o simples
Encantou

O céu ali
Sueli
Eu, todos eles
E Eliane

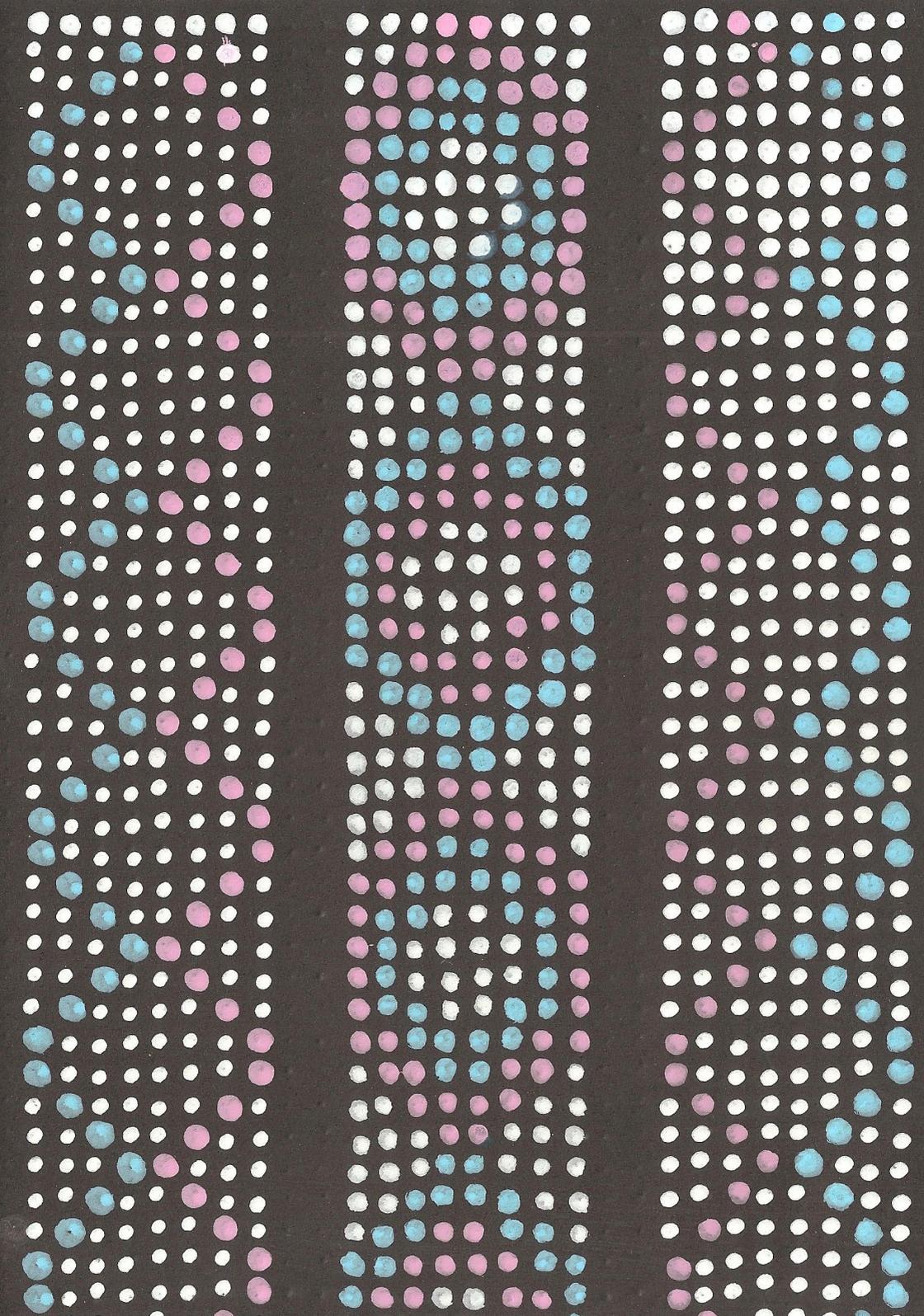
No liame
Do encontro
Da raiz com quem não tem
Do indígena com o cupen

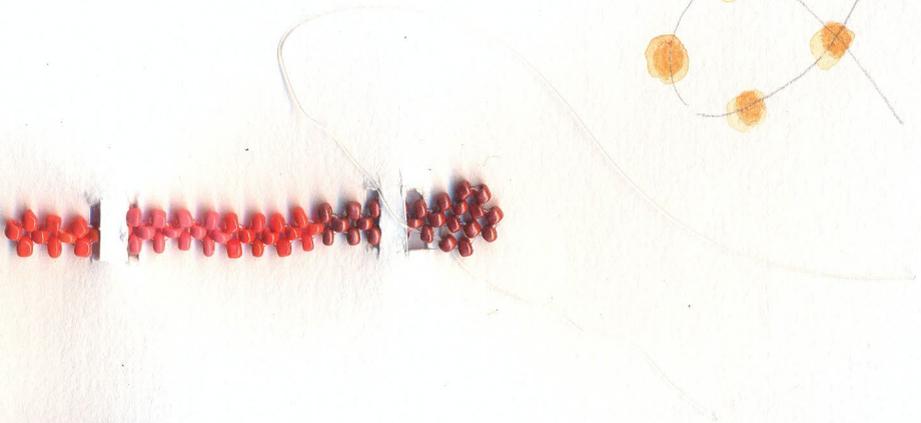
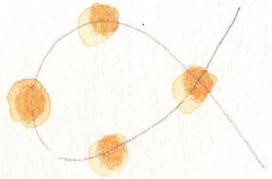
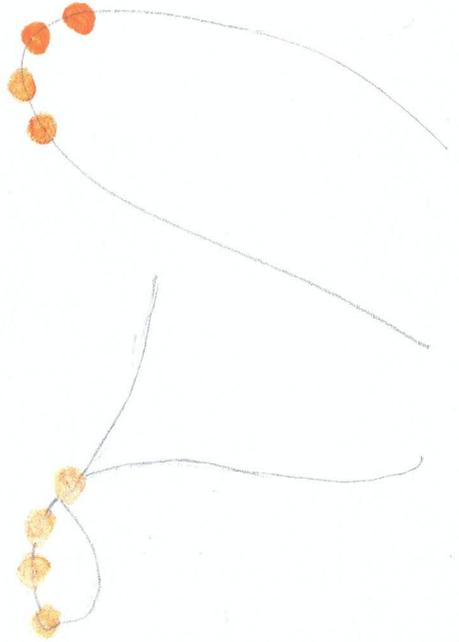
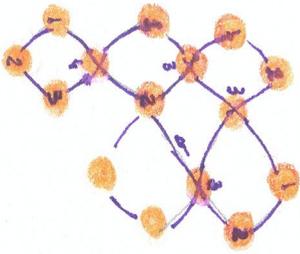
Mostrando que
Mataram ali
Marcharam ali
De sangue mancharam ali

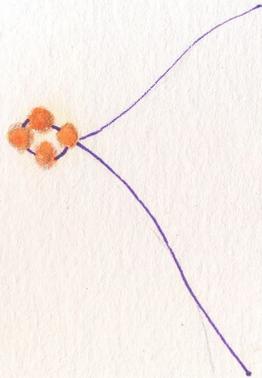
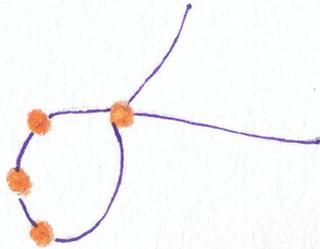
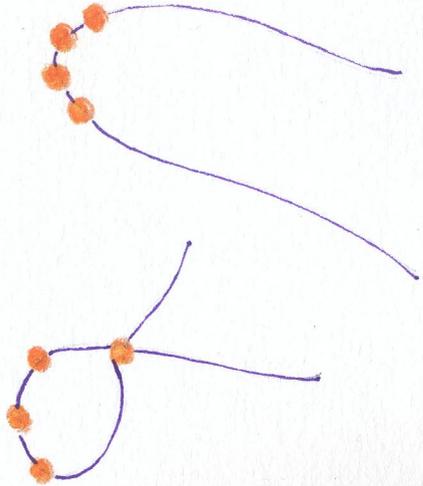
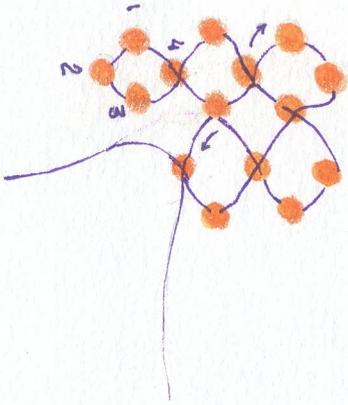
Mas não se destruiu
A cultura Maxákali

Por fim
Sem ter um fim
Vive e vive
Vivências vindas
De Viviane

Vendo embaciado pelo pranto
Que as miçangas carregam consigo
A cultura desses povos e cantos
E os encantos que carrego comigo

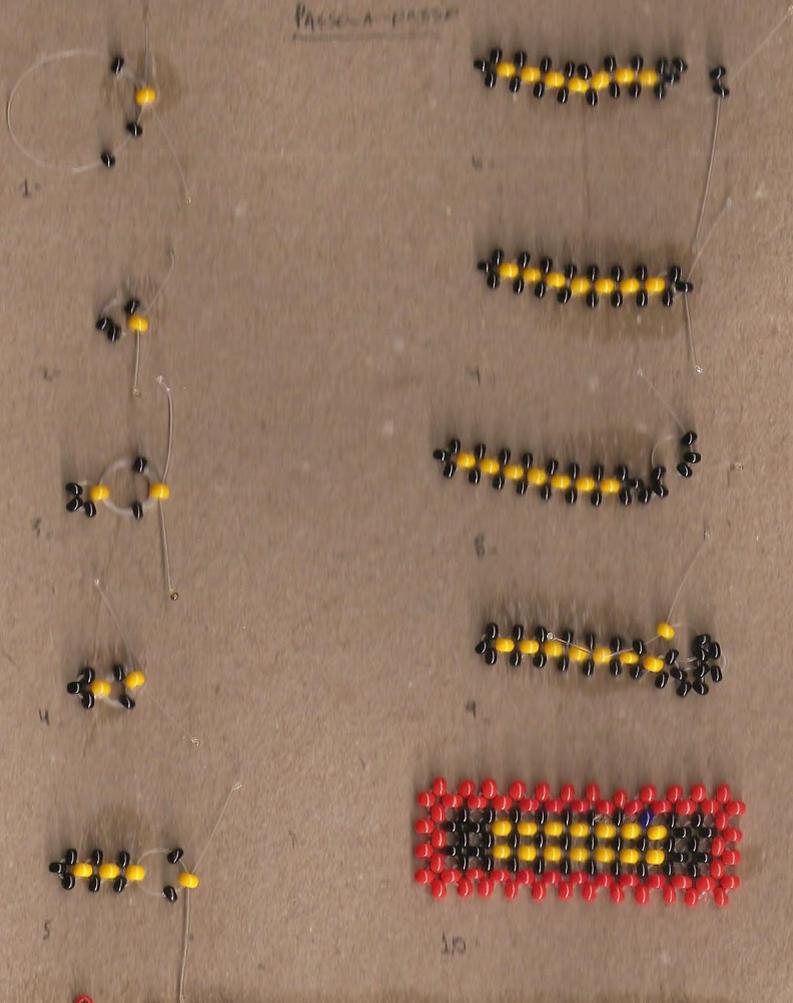






SABERES TRADICIONAIS 2017/02
COSMO CIÊNCIAS: A ARTE DAS MICHINGAS
Técnica do povo Huni Kuin das mestras Líbia Maria.

Passo a passo





OLHO DA CURICA



Aracy Sousa Lima



MESTRAS MARIA E LIRA HUNI KUIN - POR BÁRBARA NORONHA





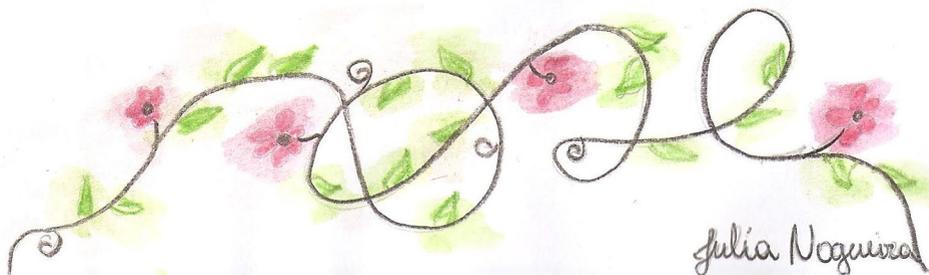
O aprender também está na observação,
na atenção e na prática...

...e assim é passada a
ORALIDADE, com histórias e
contos, fazeres e saberes, toda
a vida de um povo!

Fíllia Noqueira 2017



E na leveza do fazer,
se mostra o saber...



“ Nossa vida mais é cantar
e fazer artesanato ”

Cruzza Krahô

“ A cor amarela representa
a água por falta de
uma miçanga de cor
cristalina ”

Lira Kaxinawá



SOBRE MIÇANGAS...

1 amarela de um lado } deixar os fios
3 amarelas do outro } do mesmo
comprimento

~
passa o fio POR BAIXO (da 3ª amarela)

cuidado para não dar nó!

1 amarela de um lado

2 amarelas do outro

~

passa o fio por baixo da 2ª amarela

...

Lira e Maria nos ensinam

a miçanga dita o ritmo

e jacaré

a jibóia

a arte das miçangas é

a arte das MULHERES

Muito mais do que a arte das
micangas, nossas mestras nos ensi-
naram sobre suas culturas.

o contato com esse mundo tão
diferente nos faz perceber que
são muitos os modos de existir

...

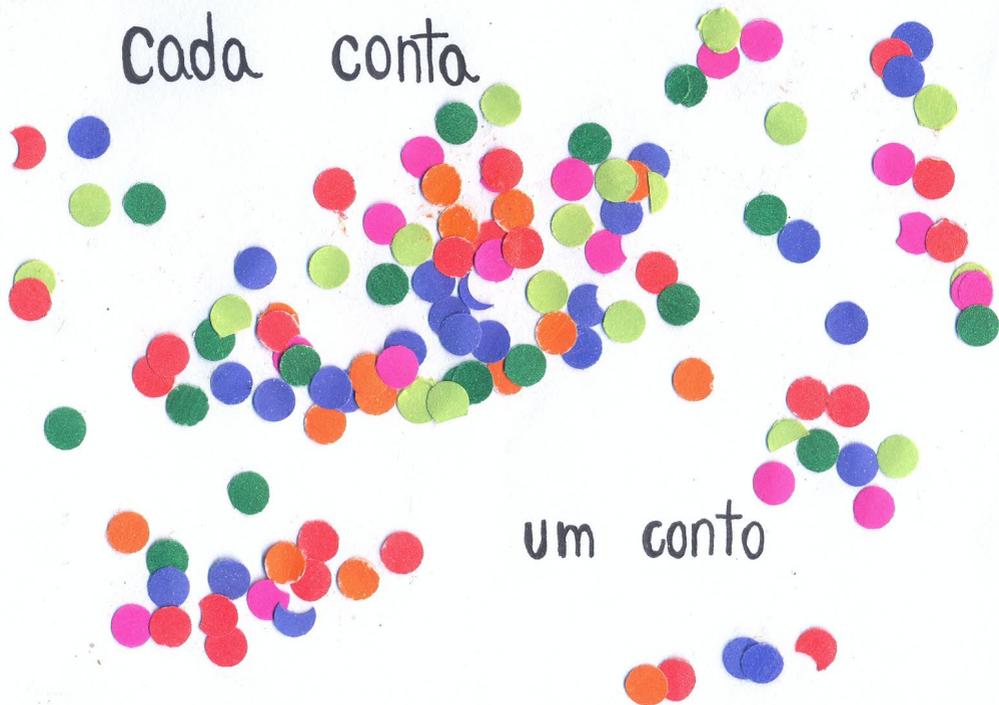
que arte há de todo o tipo

e são tantas as maneiras de
aprender e de

(RE)EXISTIR

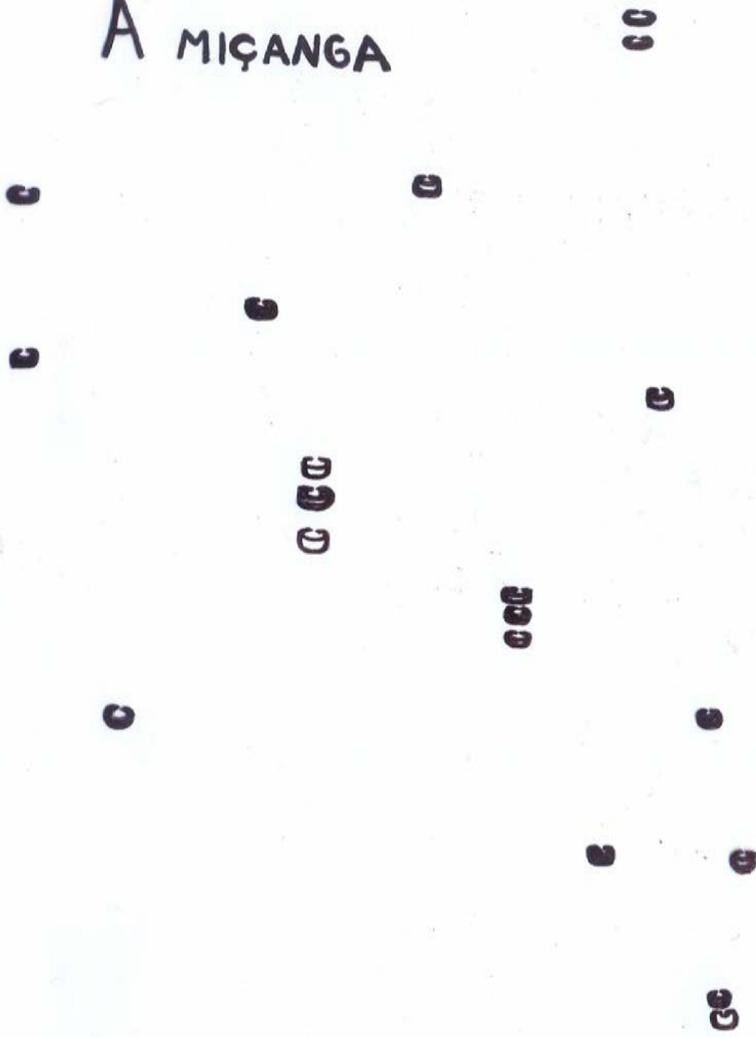


Cada conta



um conto

A MIÇANGA



Sofia Jungueira

TODOS A VEEM



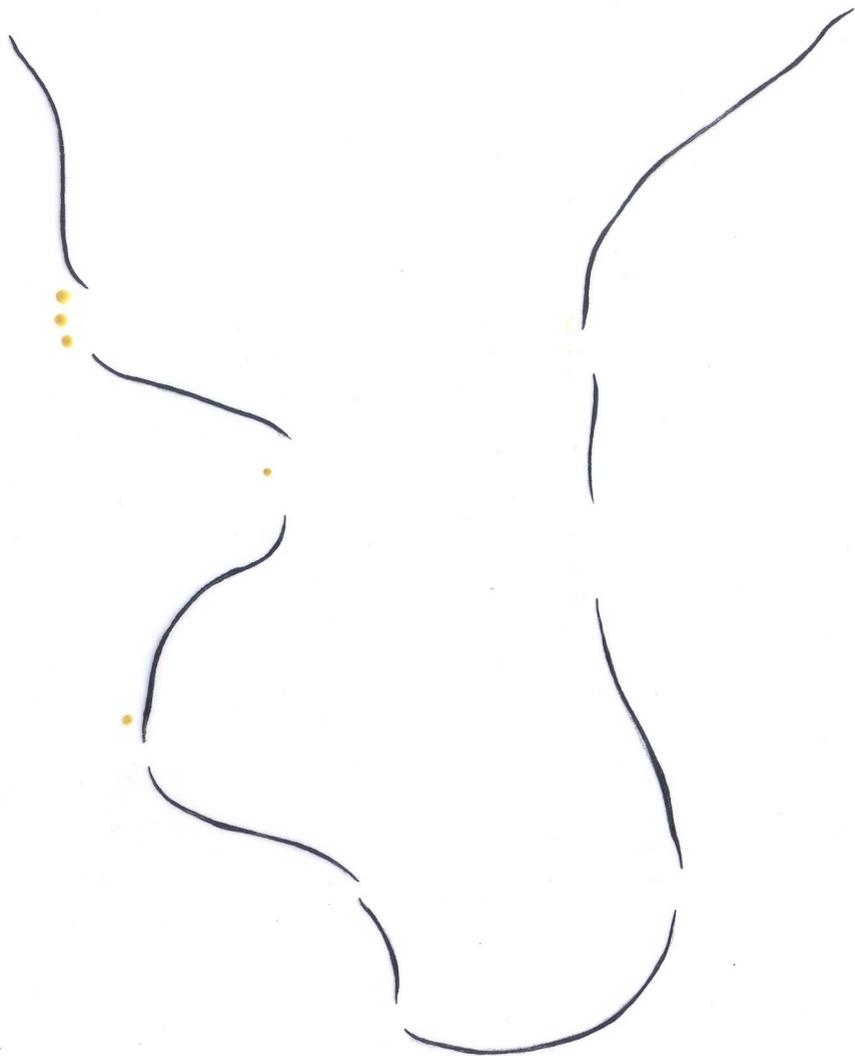


NINGUÉM ¹NOTA

O FIO

QUE ²





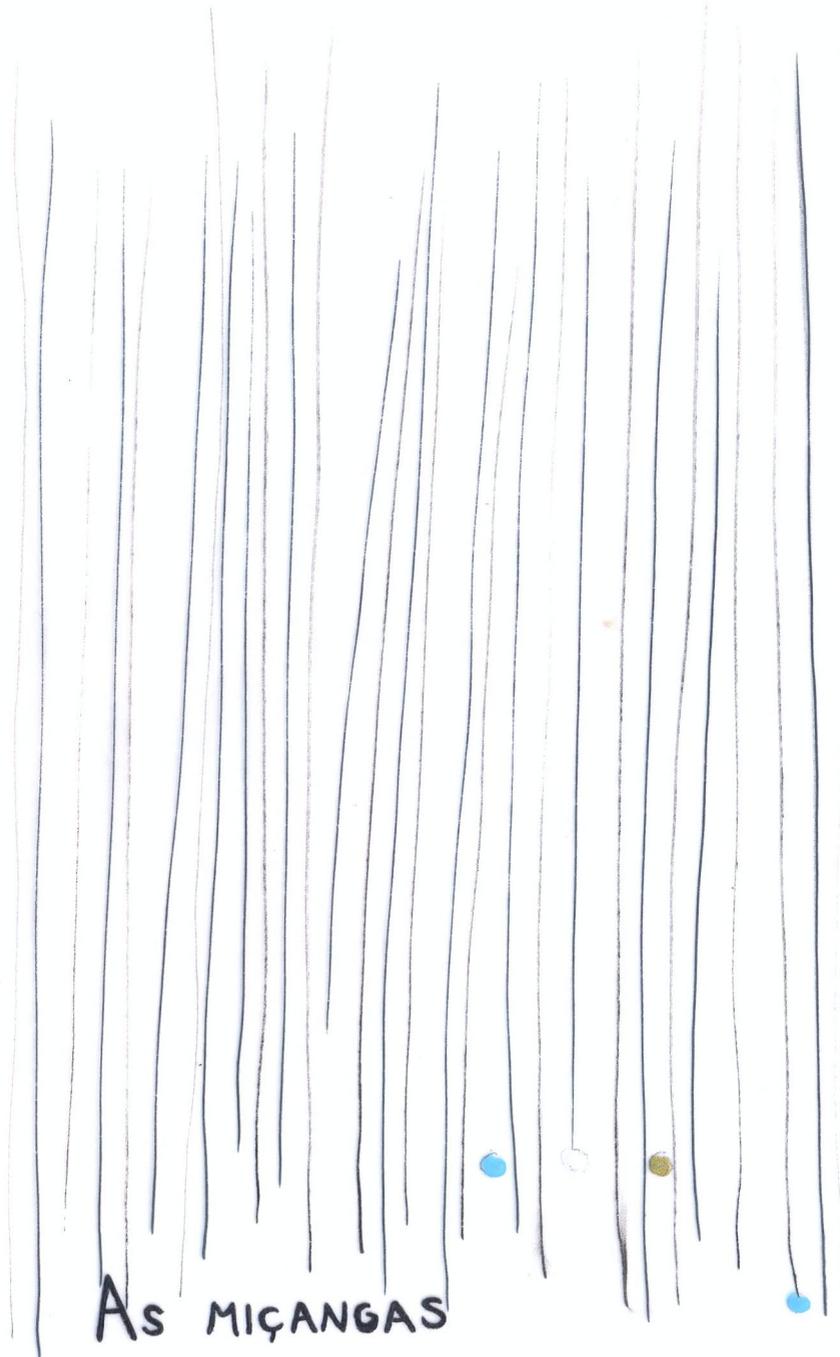
EM COLAR VISTOSO

VAI COMPONDO

6

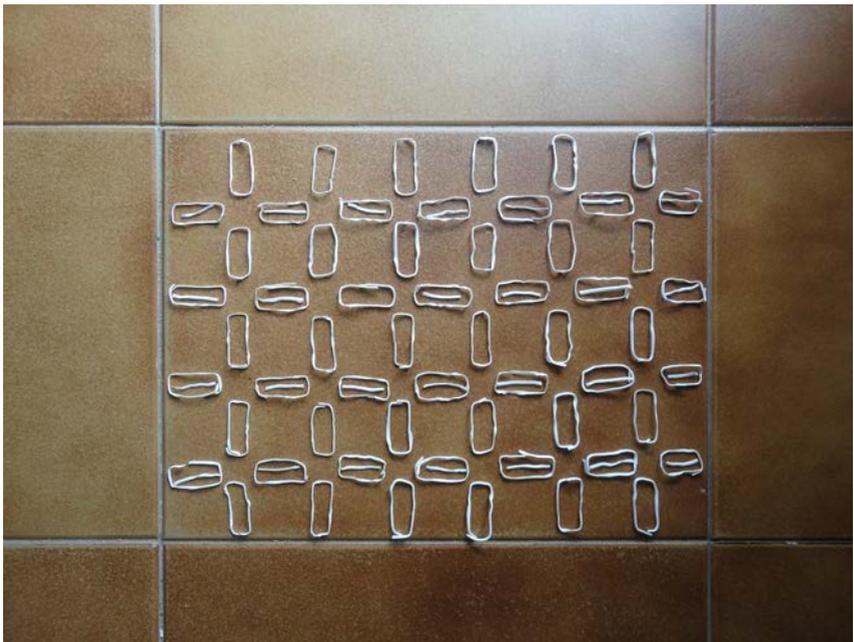
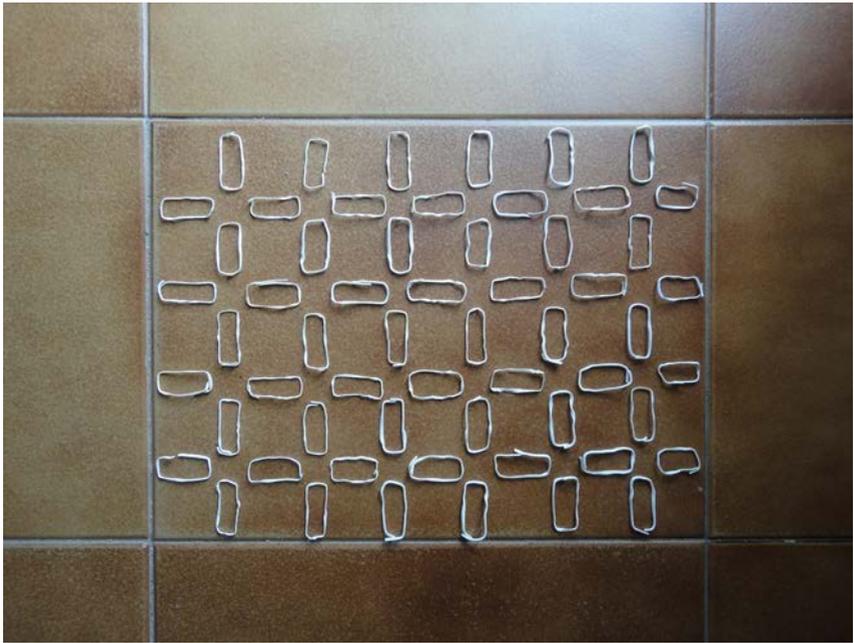
66

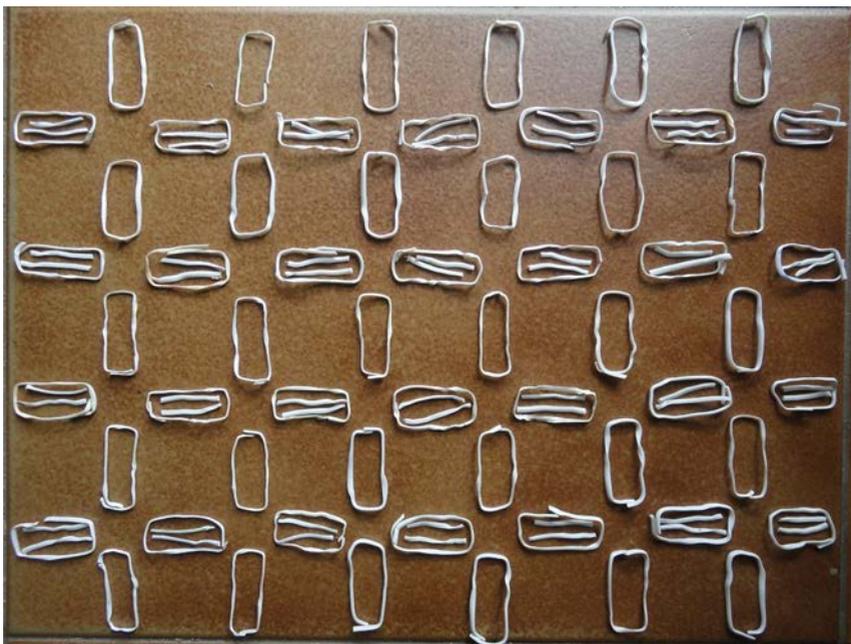
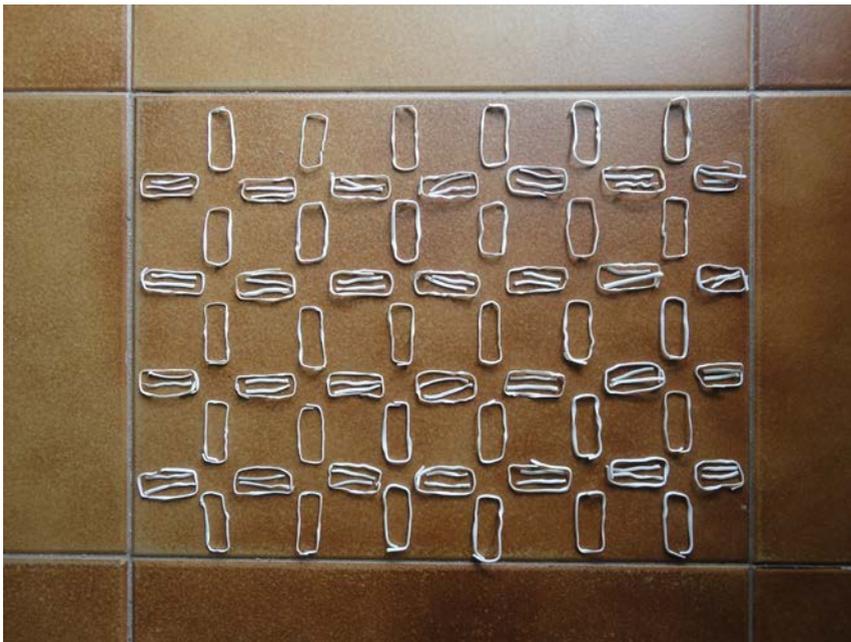
66

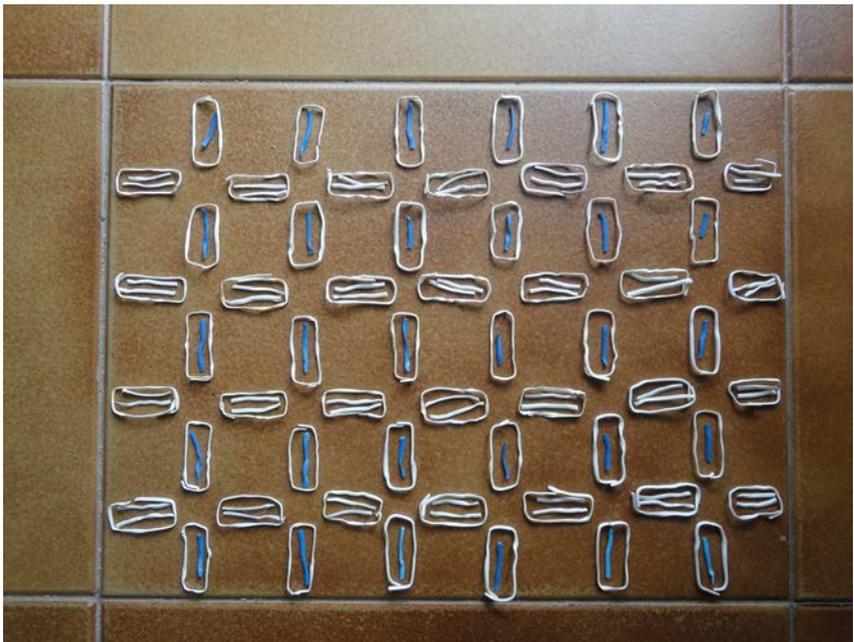
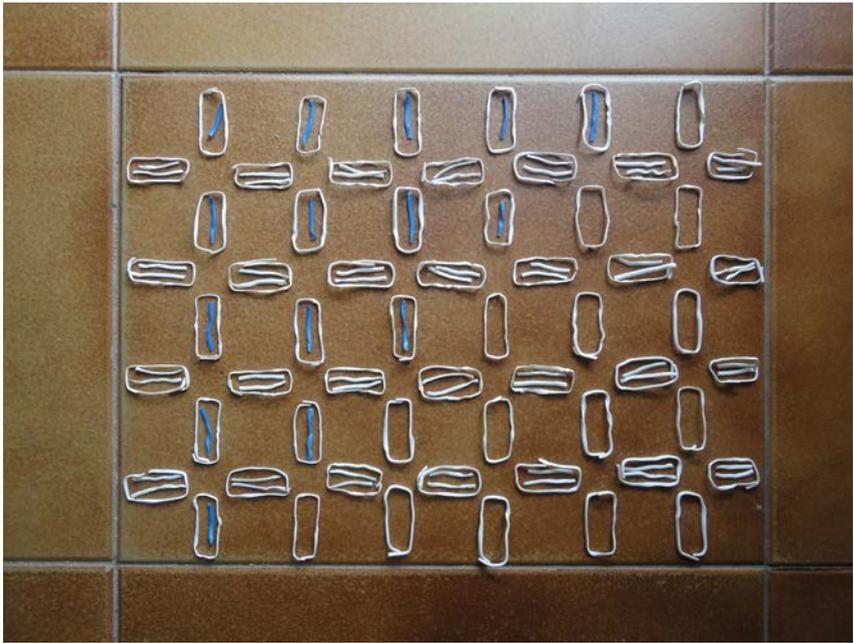


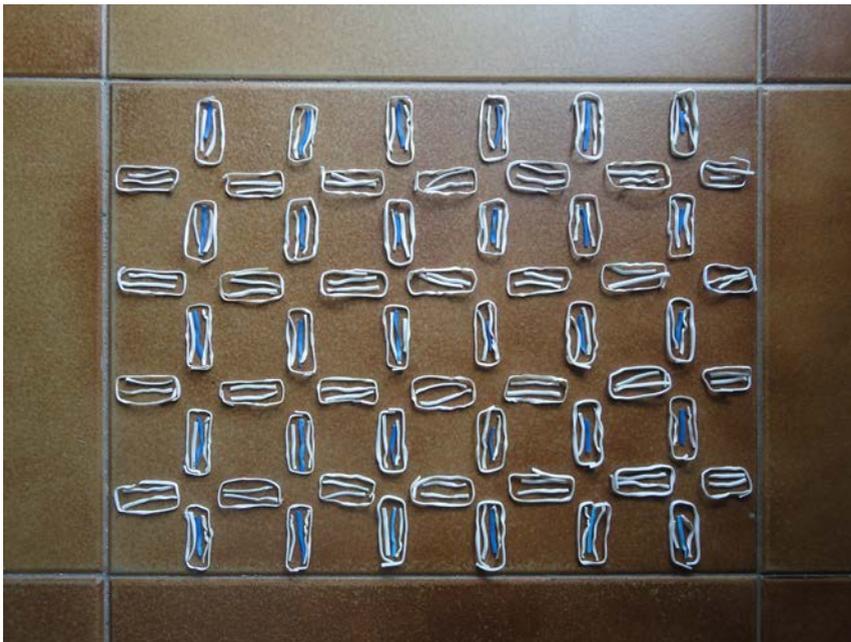
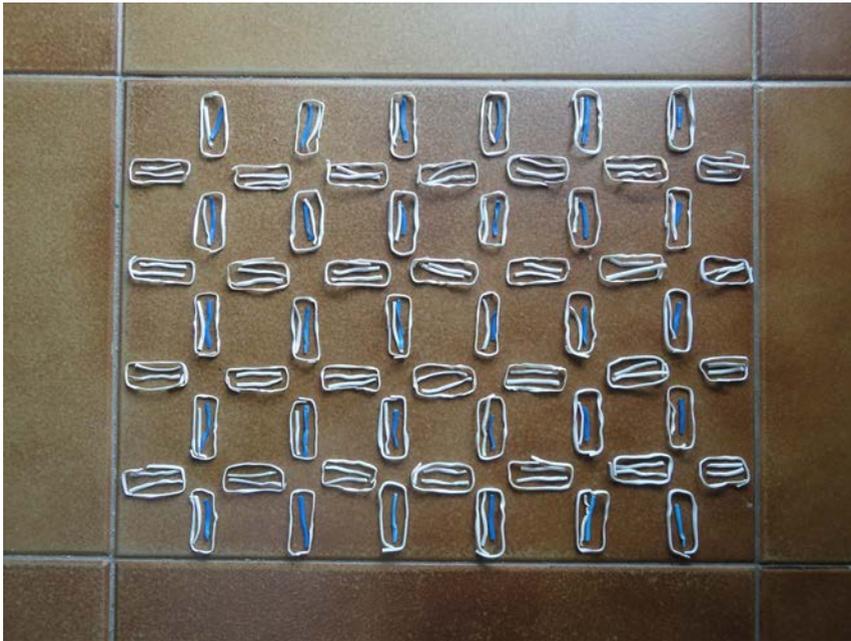
AS MIÇANGAS

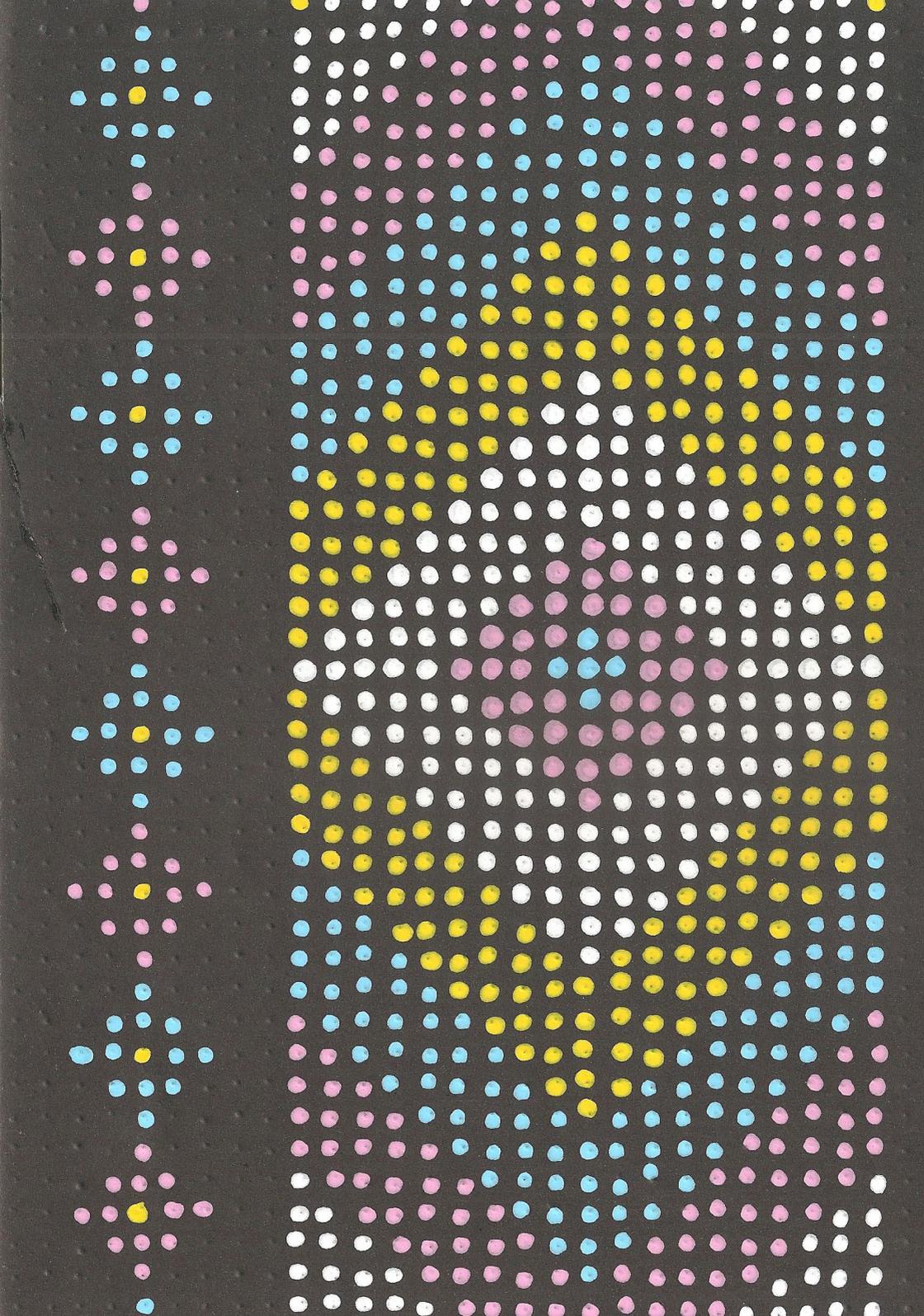


















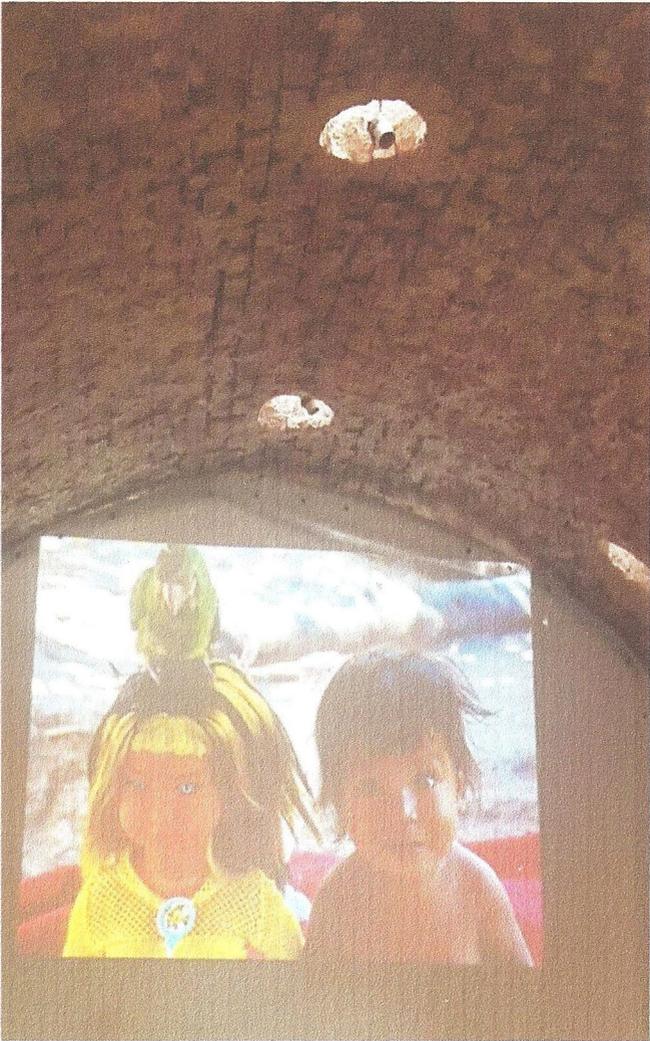




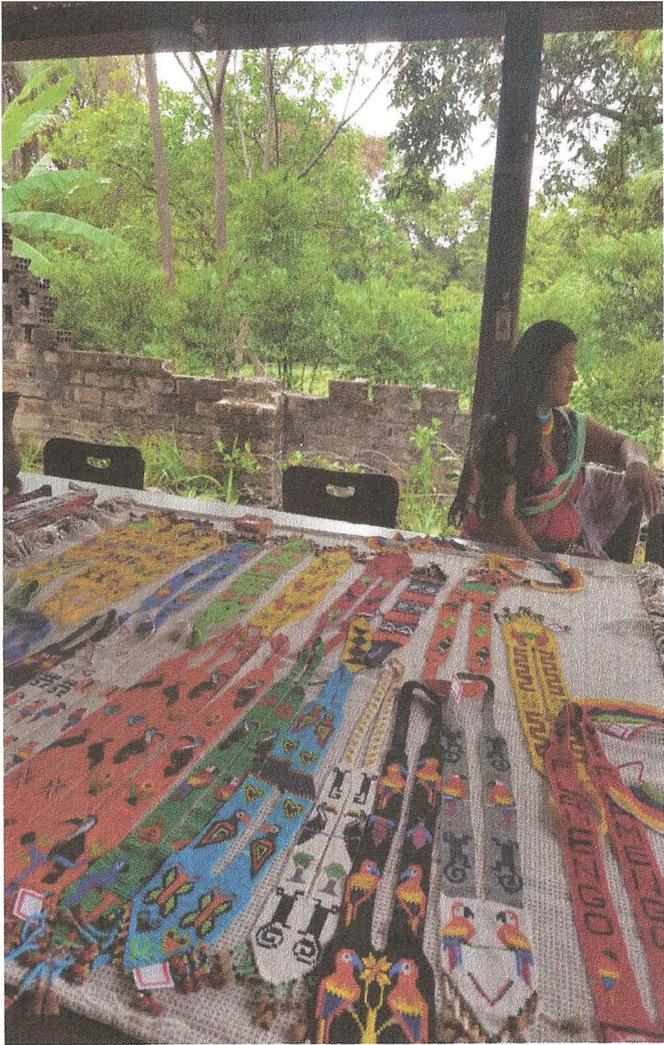












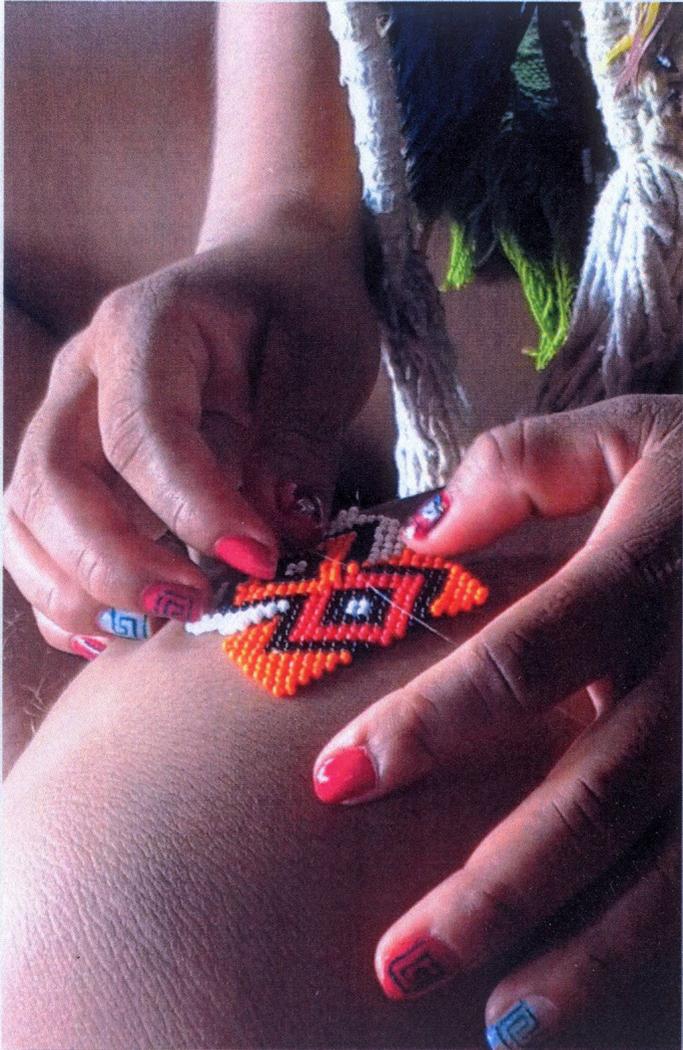


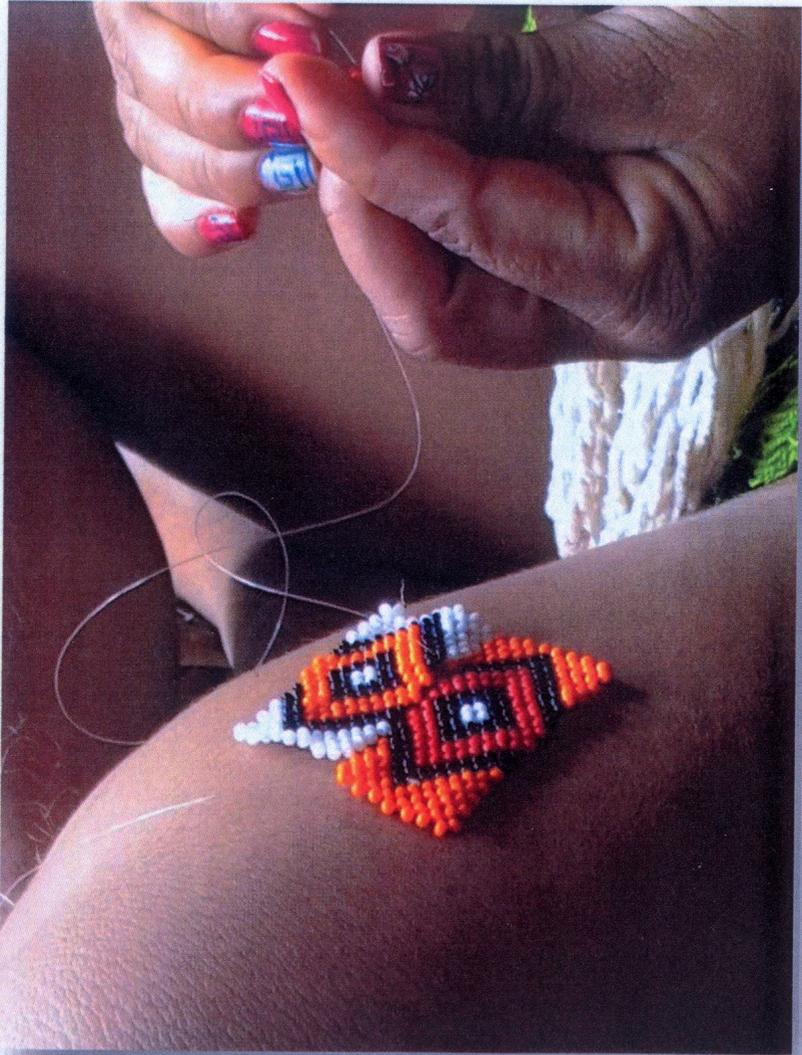
Gnatidão



Gabriel Cênelido

















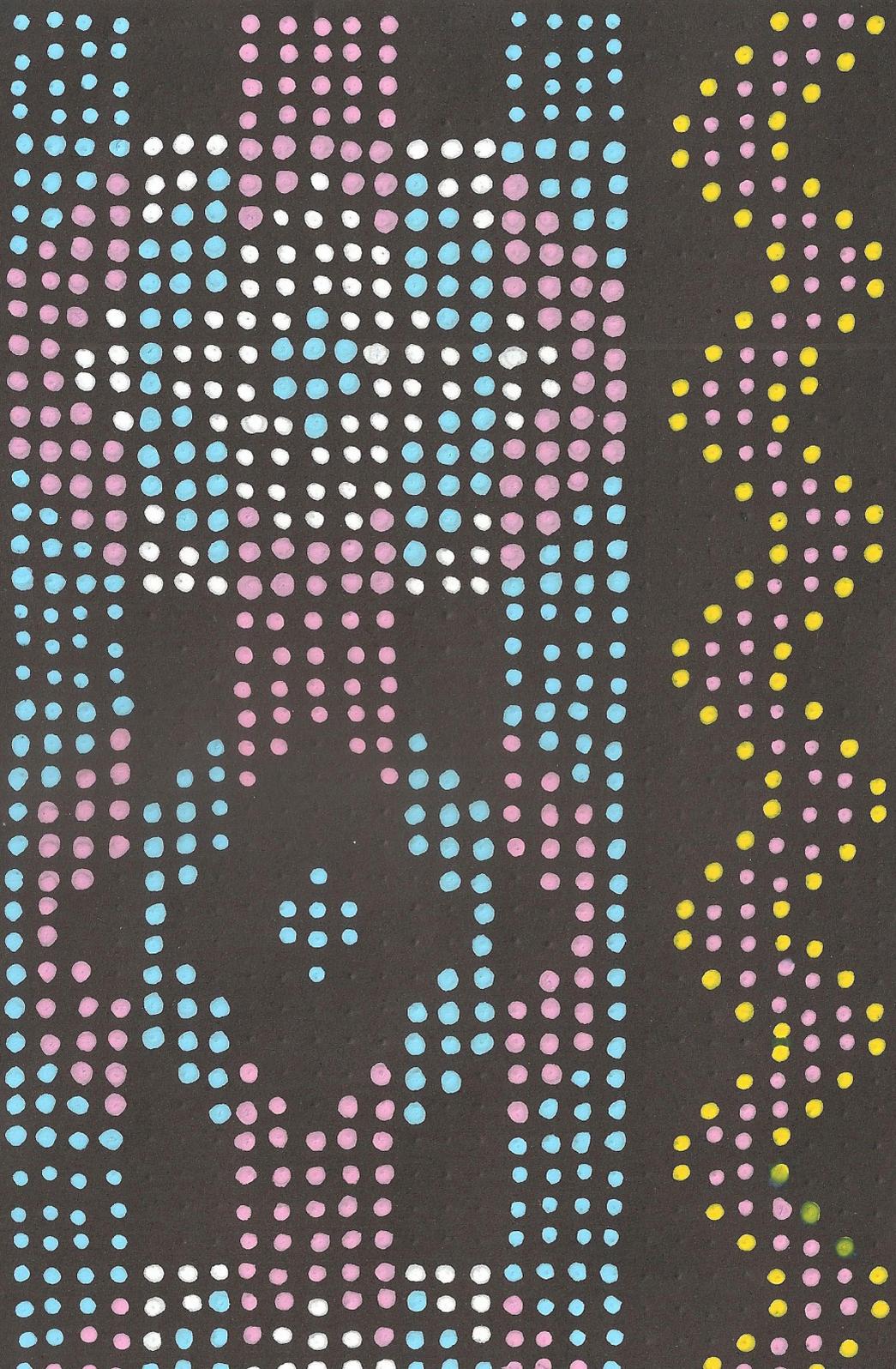












Saberes tradicionais: ARTE DAS MIÇANGAS



Artesanato Huni Kuin

A Disciplina arte das miçangas, incluída no programa de formação transversal em saberes tradicionais, foi uma ótima experiência, sendo realizadas aulas discursivas e práticas. Assim, resultando em uma troca de experiências, entre as mestras e os alunos, e também entre os próprios alunos, sendo que sempre ajudavam um ao outro. Assim, foi possível compreender a importância dos artesanatos nas culturas indígenas das mestras

presente na disciplina, e a interação que o momento de produzir o artesanato proporciona em grupo.

Mais interessante do que aprender a fazer um pouco do artesanato, foi ouvir as histórias e crenças que tem por trás, sendo que muda de acordo com as mestras, mas ao mesmo tempo tem algumas coisas em comum, como o ritual de fazer cantos durante a produção, o conhecimento passado pelas gerações.

As aulas foram diferentes além de aprender práticas tradicionais, os alunos e mestras ficaram mais a vontade e não tão presos as formalidades acadêmicas que o sistema tem como molde. Tendo como espaços de área verde como lugar dos encontros, fortalecendo a importância de mais espaços assim na universidade.

Pode ser considerar que a ideia é trazer essas práticas como forma de mais conhecimento, não menos importante, sendo assim, é uma forma de aproximar mais pessoas a outros tipos de

saberes. A universidade pode ser uma forte aliada na luta e resistência desses saberes tradicionais, criando cada vez mais espaços de interação e conhecimento.

Junia Rafaela Ferreira Nunes -
Aluna da disciplina Arte das
miçangas.

Os Kenes são ensinados da Jibóia

Os kenes são desenhos geométricos que lembram os da pele da jibóia. São pintados na cerâmica, no corpo e tecidos nas roupas, redes, cestos, bolsas e acessórios. As miçangas são também uma maneira de reproduzir os kenes. Segundo um dos mitos do povo Huni Kui (Kaxinawás) o kene é um conhecimento das mulheres e vieram de Yube, a jibóia encantada.

Lenda contada pelas mestras Lira e Maria Kaxinawá (Aldeia Mucuripe, AC):

Em uma de suas caçadas o índio caçador chega a beira de um lago onde encontrou um pé de jenipapo, fruta muito procurada por diversos animais. Parou, e ficou de tocaia esperando a caça que aparecesse. Depois de um longo tempo apareceu uma anta. Ao invés de comer as frutas, a anta pegou três delas e se dirigiu para o lago onde as jogou para baixo, para cima e no meio. Do lago saiu uma mulher muito bonita. Era uma mulher jibóia

que subiu para a terra, abraçou, beijou e teve relações com a anta.

Na tocaia o homem descobriu o segredo da anta e somente observando apaixonou-se pela mulher encantada.

Quando a anta foi embora a mulher sumiu dentro do lago. O caçador então saiu de dentro da tocaia e fez do mesmo jeito que anta. Pegou três frutas, jogou dentro do lago. Demorou pouco tempo e apareceu uma linda mulher que subiu para o beira do lago.

Encontrando o caçador começaram a conversar. Ele falou, contou que viu tudo que a anta fez e que decidiu fazer o mesmo. Ela disse: - Eu não sou daqui, moro muito longe e perguntou: - Você tem mulher? Ele respondeu: - Tenho. E você tem marido? Ela falou: - Somente um namorado. Então ele pediu: - Vamos namorar? Namoram, fizeram amor e ela gostou muito e não quis mais deixá-lo. Ela o chamou para morarem juntos e ele aceitou. Foi com ela para a terra da jibóia, debaixo da água, no outro mundo.

Chegando lá foi apresentado aos parentes dela que gostaram muito dele. Morou lá por muito tempo.

Um dia a mulher jibóia começou a preparar cipó para tomar com seu povo. Ele quis saber o que era e ela disse que era um chá para ver coisas bonitas. Então o caçador disse que ia tomar também. Ela disse que era muito forte e ele era muito novo ali e não poderia tomar. Ele insitiu e tomou.

Quando a miração chegou ele viu que seu sogro era uma jibóia e o estava engolindo. Então começou a gritar. Então dentro da miração descobriu que sua mulher era uma jibóia e que ele estava encantado.

Quando a miração acabou ele ficou muito triste e desconfiado. Os parentes da mulher jibóia não gostavam mais dele. Então o caçador descobriu que sua mulher jibóia estava planejando matá-lo e fugiu pra junto de sua antiga família deste lado do mundo. Contou tudo que se passara com ele e ficou morando com seu cunhado.

Depois de um tempo ele voltou a caçar na beira do lago. Seus filhos preocupados com seu desaparecimento passaram a procurá-lo e o encontraram na beira do lago e então viram que a jibóia estava o engolindo. Tentaram salvá-lo e não conseguiram e chamaram sua

mãe. Quando ela estava engolindo ele até a cintura ele começou a gritar chamando seus outros parentes do mundo de cá:

-Venham parentes. As jibóias estão me engolindo!

Os parentes conseguem tirar o caçador da jibóia. Ele todo quebrado passa um tempo doente na rede. Diz ao cunhado que quando morrer na sua sepultura nascerá na parte direita um cipó e na esquerda uma árvore. Diz como deve fazer e usar o chá (Ayauaska) dizendo que ele estará dentro dele ensinando.

Depois de seis meses, o cunhado foi na sepultura, encontrou o cipó e a árvore. Fez tudo como o caçador havia dito. Mirou muito e viu o futuro, o presente e o passado.

A diversidade é o que há de mais natural e humano em nós.

O curso Arte da Miçanga possibilitou reafirmar essa verdade.

Olhando para as mestras, seus saberes e experiências aprendi mais sobre mim mesma.

Para elas o tempo tem outro sentido. O mais importante não é o tempo que levamos para aprender, mas simplesmente aprender. Há serenidade em suas palavras e gestos. Não há pressa.

A miçanga, tão pequena, te faz olhar pro infinito que está por dentro. Te ensina a errar, voltar e recomeçar, a persistir. E fazendo tudo isso coletivamente também te faz olhar para o outro com disponibilidade e paciência.

Ouvir sobre a preciosa cultura indígena de nosso país foi sem duvida uma das melhores experiências que a universidade poderia me proporcionar.

Desconstruindo a maneira de ensinar e dando voz a incríveis mulheres brasileiras.

MÁRCIA MESSIAS

NOV/2017

Arte das Miçangas, uma disciplina que pelo nome diferenciado já gera grande curiosidade aos estudantes, faz parte do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. As aulas alternadas entre saberes teóricos e prática pura, são ministradas por mestras indígenas de várias partes do país.

O fato de os professores responsáveis tecnicamente pela matéria se sentarem como alunos para aprender sobre a arte, gera uma atmosfera descontraída, tranquila e gostosa de participar. A simplicidade em colocar panos ao chão para se sentar em roda ou se reunir em volta de uma mesa bem no meio da Estação Ecológica nos aproxima das mestras e dos próprios colegas, que se alternam entre fazer suas próprias miçangas e explicar, da sua maneira ao próximo, qual o passo seguinte. Essa dinâmica quebra a rotina clássica de uma sala de aula e descansa os alunos e os professores de um padrão cansativo e repetitivo.

O ponto central da matéria fica por conta das histórias, dos contos, dos padrões e da importância de se fazer uma miçanga. É de uma complexidade incrível que está atrelada a uma cosmologia e a um valor ritual totalmente fora da nossa realidade urbana e ao mesmo tempo tão perto. A nosso ver simplista miçanga é algo comum, feito de continhas de vidro que tem o simples intuito de enfeitar. Porém, as mestras

derrubam essa concepção ao explicarem que confeccionar uma miçanga requer contato direto com o sagrado e com uma hierarquia de ensino, onde as mulheres indígenas têm idade certa para aprender. Além disso, a similaridade de padrões de confecção e de rituais entre as tribos é incrível. Etnias de partes muito diferentes do país que nunca tiveram contato se encontram na igualdade dos cantos, das regras e do sagrado aqui, nessa matéria.

Todo esse universo particular dentro da Universidade é responsável por ofertar aos alunos um contato necessário a partes essenciais da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que se curva e dá voz aos indígenas como uma forma de contribuir para a sua cultura de resistência. É uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional que deve ser agarrada todo ano quando ofertada.



Mestras Maria e Lira Huni Kuin. Foto: autora.



Foto: autora.

*Bárbara Stéfany Noronha de Freitas – aluna da disciplina
“A Arte das Miçangas”, 2017/2.*

Participar desse momento histórico de abertura da universidade para novas formas de produção e reprodução de conhecimento foi bastante satisfatório.

A relação com as mestras é bem mais que a descoberta de outras formas de vida, mas é, principalmente, um momento de repensar a nossa. Lembro-me dos casos contados por Creuza, mestre Krahô, que levavam histórias que permeavam sua cultura até relatos mais pessoais contados com bastante humor por ela. Entretanto, uma das falas que mais me marcou foi sua observação ao dizer que nós brancos pensamos muito quadrado, enquanto seu povo pensa em círculo, algo que ficou bastante evidente ao decorrer do nosso convívio.

A paciência foi outra coisa muito testada em nós alunos e docentes. O primeiro choque foi com a Lira e com a Maria, mestras Huni Kui, que nos desafiaram a ter paciência, pois cada miçanga que se compunha com outra construía o kenê que aos poucos era relevado. Também nos ensinaram a não ter vergonha de errar, pois cada erro fazia com que a gente voltasse e memoriza-se ainda mais aquele ponto. Tornou-se um verdadeiro ambiente que baseado em aprendizado mútuo. O que foi estendido pelas mestras Creuza e Leila, Krahô, e Sueli e Eliana Maxakali.

UMA DESCOBERTA FEITA EM MIÇANGAS

Stéphanni Lára Souza dos Santos

Sobre o curso de Cosmociências - Arte da Miçanga, a princípio foi pelo encanto que me trouxe o nome da disciplina, depois pelos comentários dos colegas sobre os cursos de Saberes Tradicionais. Foi a primeira vez que eu vi e ouvi falar sobre os donos dessa terra que chamamos de Brasil, por eles próprios... Refiro-me a elas, as ilustres mestras indígenas, que protagonizaram este curso e se dispuseram a nos ensinar um pouco sobre miçangas, contas, sementes, sobre linhas e seus grafismos, tingimentos e cores, entre outras coisas que, para muitos de nós, eram vistas como algo simples. Logo, meus colegas e eu descobrimos que, devemos ter muito cuidado com as voltas, com os cruzamentos, com a seleção das cores e com o preparo da matéria prima. A propósito, aprendemos sobre o longo processo de preparação que sofrem as matérias primas, antes de estarem prontas para serem utilizadas em adornos, como ouvimos sobre o processo da semente de tiririca...

Descobrimos que a Curica consegue nos ver de onde quer que ela esteja e ira nos perceber muito antes que nós a percebamos. E também que, serpentes como a Jibóia, sai da mata para pinturas corporais e tomam suas formas em miçangas e em tecidos.

Conhecer um pouco das culturas dos povos indígenas me deixou muda, silenciou meus pensamentos e me trouxe um novo entendimento a respeito da forma de se produzir conhecimento. Uma nova maneira de se aprender, de ensinar e principalmente de como olhar para o outro. Outro ser humano, que pode te reconhecer como causador de dor para o seu povo e que mesmo assim, vem de uma distância kilométrica e cultural, para ensinar seus saberes, surpreendentes e fascinantes.

Soube que, o processo do artesanato, na produção de uma peça indígena, é embalado pelo canto, narrativas místicas que conduzem a velocidade de sua execução... Assim fui compreendendo o quão complexo é a arte de tecer o que os olhos vêem, carregando na memória todas as estruturas e seus nomes, o que foi ensinado por seus pais, avós e ancestrais.

É uma arte, uma ciência do que se pode fazer com miçangas e sementes, retratar a mata e o que tem dentro dela não é simples. Não menos complexa que outras ciências.

A experiência enriquecedora e gratificante proporcionada pela UFMG, para alunos dos cursos de graduação, junto de alguns professores parceiros e dos professores que conduziram a disciplina de Cosmociências: Arte da Miçanga, como: André Brasil (DCS-UFMG), Renata Marquez (EAD-UFMG), César Guimarães (DCS-UFMG), Clarisse Alvarenga (FAE-

UFMG), Karenina Andrade (Antropologia-UFMG) e dos monitores: Guilherme Cury e Julia Bernstein. Nós tivemos a oportunidade de aprender, conhecer e produzir peças com miçangas e utilizando técnicas diversas, como: “mane, para os Kaxinawá; kënre, para os Krahô, e xap, entre os Maxakali”, em aulas ministradas pelas mestras indígenas: Lira Kaxinawá e Maria Kaxinawá da Aldeia Mucuripe no Acre, Creuza Prumkwyj Krahô e Leila Jôxa Krahô da Aldeia Nova no Tocantins, Sueli Maxakali e Eliane Maxakali da Aldeia Verde em Minas Gerais, às quais, eu só posso agradecer. São mulheres de aldeias Brasileiras que vieram dividir seus saberes, esses que carregam identidades e memórias Indígenas.

